

Friedrich Dürrenmatt

O juiz e seu carrasco



"A maestria de Dürrenmatt prende o leitor da primeira à última página."

(The New York Times)

L&PM
POCKET

PLUS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Friedrich Dürrenmatt

O juiz
e seu carrasco

Tradução de KURT JAHN

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Friedrich Dürrenmatt (1921-1990)

Friedrich Dürrenmatt, dramaturgo e romancista suíço de língua alemã, nasceu na cidade de Knolfingen em 1921. Dentre suas obras dramáticas, destacam-se: *Rômulo, o Grande* (*Romulus der Grosse*, 1949), *O Casamento do Sr. Mississippi* (*Die Ehe des Herrn Mississippi*, 1952), *Um anjo visita a Babilônia* (*Ein Engel kommt nach Babylon*), *A visita da velha senhora* (*Der Besuch der alten Dame*, 1956), *Os físicos* (*Die Physiker*, 1962). Dentre seus romances, destacam-se *A suspeita* (*Der Verdacht*, 1953), *Grego procura grega* (*Griechen sucht Griechin*), *A promessa* (*Das Versprechen*, 1958), e *Justiça* (*Justiz*, 1985), lançado no Brasil pela Brasiliense. *O juiz e seu carrasco* (*Der Richter und sein Henker*) foi publicado pela primeira vez em 1950. Friedrich Dürrenmatt morreu em 1990.

Um

Alphons Clenin, o policial da localidade de Twann, na manhã de 3 de novembro de 1948, lá onde a estrada de Lamboing (uma das aldeias do Tessenberg) emerge do bosque do desfiladeiro de Twannbach, encontrou um Mercedes azul parado à beira da estrada. Havia neblina, como era frequente nesse fim de outono, e Clenin, aliás, já havia passado pelo carro em sua caminhada quando resolveu voltar. Pois tivera a impressão, ao olhar distraidamente pelos vidros embaciados do carro, que o motorista estava caído sobre o volante. Pensou que o homem estivesse embriagado, pois, para uma pessoa respeitável como ele, era a conclusão mais óbvia. Por isso ele quis acudir o estranho, não no exercício de suas funções, mas como concidadão. Aproximou-se do automóvel com a intenção de acordar o adormecido, conduzi-lo a Twann e fazê-lo recuperar a sobriedade no Hotel do Urso, com café preto e uma sopa de massa; embora fosse proibido dirigir embriagado, não era proibido dormir embriagado num carro parado na beira da estrada. Clenin abriu a porta do carro e num gesto paternal pôs sua mão no ombro do estranho. No mesmo instante percebeu, contudo, que o homem estava morto. As têmporas haviam sido transpassadas por um projétil. Agora Clenin também viu que a porta do lado direito estava aberta. Dentro do carro não havia muito sangue, e o sobretudo cinza que vestia o cadáver sequer estava sujo. Do bolso do sobretudo surgia, reluzente, a ponta de uma carteira amarela. Clenin, puxando-a, não teve dificuldade em verificar que o morto era Ulrich Schmied, tenente de polícia da cidade de Berna.

Clenin ficou indeciso quanto ao que fazer. Como policial de aldeia jamais se havia deparado com um caso tão chocante. Corria de um lado para outro, pela beira da estrada. Quando o sol nascente rompeu a neblina e iluminou o cadáver, isso lhe foi desagradável. Voltou ao carro, apanhou o chapéu de feltro que caíra aos pés do morto e o pôs em sua cabeça, tão profundamente que não se podiam ver os ferimentos nas têmporas, e assim sentiu-se melhor.

O policial tornou a ir para o outro lado da estrada, aquele que dava para Twann, e enxugou o suor da testa. Então tomou uma decisão. Empurrou o morto para o outro assento dianteiro, com cuidado deixou-o em posição ereta, cingiu o corpo inanimado com um cinto de couro que encontrou dentro do carro e ele próprio sentou-se à direção.

O motor já não funcionava, mas Clenin não teve dificuldade em fazer o carro descer a íngreme ladeira até Twann, onde parou na frente do Hotel do Urso. Lá, mandou abastecer o carro, sem que alguém reconhecesse um morto naquela figura elegante e imóvel. Clenin preferiu que fosse assim e se calou, pois odiava escândalos.

Contudo, quando dirigia à margem do lago em direção a Biel, a neblina tornou a se adensar e do sol não havia sinal. Era uma manhã escura, como a da véspera. Clenin viu-se no meio de uma longa fila de automóveis, um carro atrás do outro, e por algum motivo inexplicável eles se moviam ainda mais devagar do que se fazia necessário por causa da neblina, era quase como um cortejo fúnebre, como Clenin pensou inadvertidamente. O morto estava sentado a seu lado, imóvel, e com qualquer balanço do carro ele movia a cabeça ligeiramente, como se fosse um velho e sábio

chinês, e assim Clenin arriscou-se cada vez menos a tentar a ultrapassagem de outros carros. Chegaram a Biel com grande atraso.

Enquanto a investigação era conduzida principalmente a partir de Biel, em Berna o caso do triste achado foi confiado ao comissário Bärloch, que também havia sido o superior do morto.

Bärloch vivera muito tempo no exterior, tendo-se destacado como criminalista de renome em Constantinopla e depois na Alemanha. Por último ele chefiara a polícia criminal em Frankfurt am Main, mas em 1933 já estava de volta à sua cidade natal. O motivo de seu regresso não foi tanto seu amor por Berna, que costumava chamar de sua sepultura dourada, mas uma bofetada que ele desferira num alto funcionário do novo governo alemão de então. Em Frankfurt, na época, falou-se muito sobre aquele ato de violência, e em Berna ele foi avaliado, de acordo com a situação política da Europa, primeiro como revoltante, depois como condenável embora compreensível e, por último, até mesmo como a única atitude digna de um cidadão suíço; mas isso só em 1945.

A primeira coisa que Bärloch fez no caso Schmied foi ordenar que o assunto fosse mantido em sigilo durante os primeiros dias — ordem que só conseguiu impor com todo o peso de sua personalidade. “O que se sabe é pouco, e a imprensa, de qualquer modo, é a coisa mais inútil que se inventou nos últimos dois mil anos”, dizia ele.

Bärloch aparentemente esperava grandes resultados desse procedimento secreto, ao contrário de seu “chefe”, dr. Lucius Lutz, que além disso lecionava criminalística na universidade. Este funcionário, cuja família, arraigada na cidade de Berna, tivera o

benefício de uma herança de um tio de Basileia, acabara de regressar de uma visita às polícias de Nova York e de Chicago, estando abalado “com o estado primitivo do combate ao crime na capital federal da Suíça”, como ele dissera com toda a franqueza ao diretor de polícia Freiburger, quando viajavam juntos no bonde em direção a suas casas.

Ainda naquela manhã, Bärlach — após ter tornado a telefonar a Biel — procurou a família Schönler na rua Bantiger, onde Schmied tinha morado. Desceu à cidade velha a pé e atravessou a ponte sobre o Nydegg, como costumava fazer, pois em sua opinião Berna era uma cidade demasiadamente pequena para “bondes e coisas desse gênero”.

Subiu a escadaria Haspel com alguma dificuldade, pois já passara dos sessenta, o que ele percebia em tais ocasiões, mas logo estava defronte da casa Schönler e tocou a campainha.

Quem abriu a porta foi a sra. Schönler em pessoa, uma dama baixa e gorda a quem não faltava distinção e que logo convidou Bärlach a entrar, pois já o conhecia.

— Schmied durante a noite teve que viajar a serviço — disse Bärlach —, foi uma viagem inesperada e ele me pediu que lhe enviasse algumas coisas. Eu lhe peço que me conduza ao seu quarto, sra. Schönler.

A dama assentiu, e eles atravessaram o corredor, passando por um grande quadro com pesada moldura dourada. Bärlach o contemplou, era a *Ilha dos mortos*.

— Onde está o sr. Schmied? — perguntou a senhora gorda ao abrir a porta do quarto.

— No exterior — disse Bärlach, olhando para o teto.

O quarto ficava no térreo e, através da porta do jardim, via-se um pequeno parque em que havia velhos abetos, que talvez estivessem doentes, pois o chão estava coberto de folhas secas. O quarto devia ser o melhor da casa. Bärlach dirigiu-se à escrivaninha e tornou a olhar ao redor. Sobre o divã estava uma gravata do morto.

— O sr. Schmied com certeza está nos trópicos, não é mesmo, sr. Bärlach? — perguntou a sra. Schönler com curiosidade.

— Não, ele não está nos trópicos, está mais para cima.

A sra. Schönler arregalou os olhos e juntou as palmas das mãos sobre a cabeça.

— Meu Deus, no Himalaia?

— É mais ou menos isso — disse Bärlach —, quase que a senhora adivinhou. — Abriu uma pasta que estava sobre a escrivaninha e em seguida a pôs debaixo do braço.

— O senhor encontrou o que deve enviar ao sr. Schmied?

— Encontrei, sim.

Mais uma vez olhou ao redor, mas evitou lançar um segundo olhar para a gravata.

— Ele é o melhor subinquilino que jamais tivemos, e nunca houve casos com mulheres e coisas assim — asseverou a sra. Schönler.

Bärlach dirigiu-se à porta.

— Vez por outra eu talvez mande um funcionário, ou eu mesmo venha. Schmied tem aqui alguns documentos importantes, que eventualmente venhamos a precisar.

— O sr. Schmied se lembrará de me enviar um cartão do exterior? — a sra. Schönler quis saber. — Acontece que meu filho

colecciona selos.

Mas Bärlach franziu a testa e lamentou, enquanto encarava pensativo a sra. Schönler: — Dificilmente, nessas viagens a serviço não é costume mandar cartões. É proibido.

Então a sra. Schönler de novo juntou as mãos à cabeça e disse desesperada: — Quanta coisa a polícia proíbe!

Bärlach saiu e sentiu-se feliz em ficar longe daquela casa.

Dois

Absorto em seus pensamentos, ele, contra os seus hábitos, não almoçou no Schmiedstube, mas sim no Du Théâtre, folheando e lendo com atenção tudo o que encontrou na pasta que trouxera do quarto de Schmied, e depois, após um breve passeio pelo Bundesterrasse, aí pelas duas da tarde voltou à sua repartição, onde o aguardava a notícia de que o Schmied morto já chegara de Biel. Ele contudo desistiu de fazer uma visita a seu antigo subordinado, pois não gostava de mortos e por isso geralmente os deixava em paz. Também teria preferido omitir a visita a Lutz, mas teve de se resignar. Cuidadosamente guardou à chave em sua escrivaninha a pasta de Schmied, sem tornar a folhear os papéis, acendeu um charuto e foi ao escritório de Lutz, sabendo muito bem que este sempre se sentia incomodado com a liberdade que o velho se permitia tomar com seu charuto. Só uma vez, há anos, Lutz se atrevera a fazer uma observação; mas Bärlach, com um gesto desdenhoso, respondera que, entre outros postos que ocupara, estivera dez anos a serviço na Turquia, e em Constantinopla sempre havia fumado nas salas de seus superiores, uma observação tanto mais poderosa quanto de comprovação impossível.

O dr. Lucius Lutz recebeu Bärlach com nervosidade, pois em sua opinião ainda não havia sido tomada qualquer providência, e lhe indicou uma poltrona confortável perto de sua escrivaninha.

— Nenhuma notícia de Biel? — perguntou Bärlach.

— Até agora, nada — respondeu Lutz.

— É estranho — disse Bärlach —, e no entanto estão trabalhando como loucos.

Bärlach sentou-se e lançou um rápido olhar aos quadros pendurados na parede, bicos de pena coloridos nos quais soldados, ora com, ora sem general, marchavam sob uma grande bandeira tremulante, ou da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda.

— Mais uma vez — começou Lutz —, podemos verificar, com novo e crescente receio, que a criminalística em nosso país recém está dando os primeiros passos. Eu, por Deus, me acostumei a muitas coisas em nosso Cantão, mas o procedimento, que aqui parece ser considerado normal e que foi adotado com relação a um tenente da polícia morto, dá uma imagem tão terrível da capacidade profissional de nossa polícia de aldeia que estou abalado até agora.

— Acalme-se, dr. Lutz — respondeu Bärlach —, nossa polícia de aldeia certamente é tão competente para a tarefa que lhe cabe quanto a polícia de Chicago o é para a sua, e acabaremos descobrindo quem matou Schmied.

— O senhor suspeita de alguém, comissário Bärlach?

Bärlach olhou para Lutz por muito tempo e finalmente disse: — Sim, eu suspeito de alguém, dr. Lutz.

— Mas de quem?

— Isso eu ainda não posso lhe dizer.

— Veja só que coisa interessante — disse Lutz —, eu bem sei que o senhor sempre está pronto, comissário Bärlach, a atenuar os atentados contra os elevados conhecimentos da moderna criminalística científica. Mas não se esqueça que o tempo progride e não se detém nem mesmo diante do mais afamado criminalista. Eu

vi criminosos, em Nova York e em Chicago, dos quais o senhor, aqui em nossa querida Berna, não poderia fazer ideia. Acontece que agora foi assassinado um tenente da polícia, o que é sinal inequívoco de que também aqui, no prédio da segurança pública, o barulho está começando, e isso exige uma intervenção brutal.

Ele concordava, e era o que estava fazendo, respondeu Bärlach. Então estava tudo bem, revidou Lutz e tossiu.

Ouvia-se o tique-taque de um relógio de parede.

Bärlach com cuidado pôs sua mão esquerda sobre o estômago e com a direita apagou o charuto no cinzeiro que Lutz colocara perto dele. Já fazia algum tempo, disse ele, que não se sentia bem; o médico, aliás, se mostrava preocupado. Eram frequentes seus males de estômago, e por isso ele pedia ao dr. Lutz que lhe designasse um substituto para o caso do homicídio de Schmied, que se encarregasse das principais providências, enquanto Bärlach ficaria mais adstrito à sua escrivania. Lutz concordou.

— Quem o senhor gostaria de ter como seu substituto? — perguntou.

— Tschanz — disse Bärlach. — Embora ele ainda esteja de férias nas montanhas do Cantão, poderíamos mandar chamá-lo.

Lutz replicou: — Estou de acordo. Tschanz é um homem que sempre se esforça por estar à altura, criminalisticamente falando.

Depois deu as costas a Bärlach e ficou à janela contemplando o pátio do orfanato, que estava cheio de crianças.

De repente foi tomado pela vontade irrefreável de discutir com Bärlach sobre o valor da moderna criminalística científica. Virou-se, mas Bärlach havia saído.

Já eram quase cinco horas; mesmo assim Bärlach resolveu viajar ainda naquela tarde para Twann, o local do crime. Levou consigo Blatter, um policial grande e balofo que jamais dizia uma palavra, e de quem Bärlach gostava por isso mesmo, e era quem dirigia o carro. Em Twann foram recebidos por Clenin, com expressão arrogante, pois esperava ser repreendido. Mas o comissário mostrou-se amistoso, apertou a mão de Clenin e disse que tinha prazer em conhecer um homem que sabia pensar por si próprio. Essas palavras deixaram Clenin orgulhoso, embora não entendesse bem o seu sentido. Ele conduziu Bärlach rua acima, em direção a Tessenberg, ao local do crime. Blatter os seguiu amuado por irem a pé.

Bärlach estranhou o nome Lamboing.

— Em alemão chamava-se Lamlingen — esclareceu Clenin.

— Agora entendo — disse Bärlach —, assim soa melhor.

Chegaram ao local. Um muro guarnecia o lado direito da rua, que dava para Twann.

— Onde estava o carro, Clenin?

— Aqui — respondeu o policial e apontou para a rua. — Quase no meio da rua.

E como Bärlach mal olhasse para o lugar indicado: — Talvez tivesse sido melhor que eu o tivesse deixado aqui, com o morto dentro dele.

— Por quê? — disse Bärlach e olhou para o alto dos rochedos do Jura. — Os mortos são levados embora tão rápido quanto possível, eles nada mais têm a fazer entre nós. O senhor fez bem em levar Schmied para Biel.

Bärlach se aproximou da beira da estrada e olhou em direção de Twann, lá no fundo. Entre ele e a velha povoação só havia vinhedos. O sol já havia desaparecido. A estrada serpeava como uma cobra entre as casas, e, na estação, estava parada uma longa composição de carga.

— Lá embaixo não ouviram coisa alguma, Clenin? — perguntou.
— A aldeia fica bem próxima, lá deveriam ter ouvido qualquer disparo.

— Nada ouviram, a não ser o motor funcionando durante toda a noite, mas não imaginaram nada de ruim.

— É claro, por que imaginariam? — Novamente olhou para os vinhedos. — Como está o vinho este ano, Clenin?

— Bom. Poderemos prová-lo.

— É verdade, eu agora bem que gostaria de tomar um cálice de vinho novo.

Seu pé direito tocou num objeto duro. Abaixou-se e segurou entre os dedos descarnados uma pecinha de metal alongada, de ponta achatada. Clenin e Blatter a observaram, curiosos.

— Uma bala de revólver — disse Blatter.

— Como consegue fazer essas coisas, sr. comissário? — admirou-se Clenin.

— É mero acaso — disse Bärlach, e desceram em direção a Twann.

Três

Parece que o vinho novo de Twann não fez bem a Bärlach, pois na manhã seguinte ele declarou que havia vomitado durante toda a noite. Lutz, que cruzou com o comissário na escada, preocupou-se seriamente com seu estado de saúde e o aconselhou a procurar um médico.

— Está bem — resmungou Bärlach, pensando que dos médicos ele gostava menos ainda do que da moderna criminalística científica.

Em seu escritório sentiu-se melhor. Sentou-se à escrivaninha e tirou da gaveta a pasta do morto.

Bärlach ainda estava concentrado no conteúdo da pasta quando, pelas dez horas, apresentou-se Tschanz, que já na véspera, a altas horas da noite, regressara de suas férias.

Bärlach sobressaltou-se, pois no primeiro momento pensou que quem o procurava era o falecido Schmied. Tschanz usava um sobretudo igual ao de Schmied e um chapéu de feltro parecido com o do morto. Apenas o rosto era diferente. Era um semblante cheio, bondoso.

— Foi bom ter vindo, sr. Tschanz — disse Bärlach. — Temos que conversar sobre o caso Schmied. O senhor se encarregará dos aspectos principais, minha saúde não é das melhores.

— Sim — disse Tschanz. — Já fui informado.

Tschanz sentou-se depois de ter aproximado a cadeira da escrivaninha de Bärlach, sobre a qual em seguida apoiou o braço

esquerdo. Em cima da escrivaninha estava a pasta de Schmied, aberta.

Bärlach reclinou-se em sua poltrona.

— Ao senhor eu posso contar — começou ele —, de Constantinopla a Berna conheci milhares de homens da polícia, bons e maus. Muitos deles não eram melhores do que aquela rale com que povoamos as prisões de toda espécie, só que eles, por acaso, estavam do outro lado da lei. Mas de Schmied não permitirei que falem mal, era o mais talentoso de todos. Ele teria o direito de prender a todos nós. Era uma cabeça lúcida que sabia o que queria e ocultava o que sabia, para só mencioná-lo quando fosse necessário. Ele deve nos servir de exemplo, Tschanz, era superior a nós.

Tschanz virou a cabeça devagar em direção a Bärlach, pois estivera olhando pela janela, e disse: — É possível.

Bärlach percebeu que ele não estava convencido.

— Não sabemos muita coisa de sua morte — continuou o comissário—, esta bala é tudo. — Com isso ele pôs sobre a mesa o projétil que havia encontrado em Twann.

Tschanz apanhou-o e o examinou.

— Provém de uma pistola do exército — disse e devolveu a bala.

Bärlach fechou a pasta que estava em cima de sua mesa.

— Para começar, não sabemos o que Schmied foi procurar em Twann ou em Lamlingen. Ele não esteve no lago Bieler a serviço, pois eu teria sido informado de sua viagem.

Tschanz prestava só meia atenção ao que Bärlach dizia; cruzou as pernas e observou: — Só sabemos como Schmied foi assassinado.

— E como é que o senhor quer sabê-lo? — perguntou o comissário após uma pausa, um tanto surpreso.

— O carro de Schmied tem a direção do lado esquerdo, e o senhor encontrou a bala à margem esquerda da estrada, para quem olha do carro; além disso, em Twann ouviram o motor funcionar a noite toda. Schmied foi detido pelo assassino quando se dirigia de Lamboing para Twann. É provável que ele conhecesse o assassino, pois do contrário não teria parado. Schmied abriu a porta do lado direito para deixar o assassino entrar e tornou a sentar-se à direção. Nesse momento ele recebeu o tiro. Parece que Schmied não tinha a mínima suspeita das intenções do homem que o matou.

Bärlach meditou sobre aquilo que ouvira, depois disse: — Agora preciso fumar um cigarro — e depois, quando o cigarro estava aceso: — O senhor tem razão, Tschanz, as coisas devem ter-se passado entre Schmied e seu assassino mais ou menos como o senhor disse, eu acredito nas suas palavras. Mas isso ainda não explica o que Schmied veio procurar na estrada de Twann e Lamlingen.

Tschanz comentou que Schmied usava um traje social debaixo de seu sobretudo.

— Eu nem sabia disso — disse Bärlach.

— Mas o senhor não viu o morto?

— Não, não gosto de mortos.

— Mas também estava escrito no relatório.

— De relatórios eu gosto menos ainda.

Tschanz calou-se.

Bärlach, entretanto, comentou: — Isso torna o caso ainda mais complicado. O que procurava Schmied de traje social no desfiladeiro

de Twannbach?

Isso talvez tornasse o caso mais simples, disse Tschanz; na região de Lamboing certamente não moraria muita gente que estivesse em condições de dar festas às quais se vai de casaca.

Ele sacou do bolso uma pequena agenda, dizendo que era a de Schmied.

— Eu a conheço — anuiu Bärlach —, nela nada há que tenha importância.

Tschanz discordou: — Schmied anotou a letra G para quarta-feira, 2 de novembro. É o dia em que foi assassinado, pouco antes da meia-noite, na opinião do médico legista. Há outra letra G na quarta-feira, dia 26, e outra na terça-feira, dia 18 de outubro.

— G pode significar um mundo de coisas — disse Bärlach —, um nome de mulher ou outra coisa qualquer.

— Não creio que seja nome de mulher — replicou Tschanz —, a amiga de Schmied chamava-se Anna, e Schmied era um homem respeitável.

— A respeito dela não sei coisa alguma — admitiu o comissário. Ao perceber que Tschanz se admirava de sua ignorância, disse: — Tschanz, a mim realmente só interessa saber quem é o assassino de Schmied.

Tschanz disse cortês: — É natural. — Sacudiu a cabeça e riu: — Que tipo de homem o senhor é, comissário Bärlach?

Bärlach disse com toda a seriedade: — Eu sou um velho gato preto que gosta de comer ratos.

Tschanz ficou em dúvida sobre o que retrucar e acabou dizendo: — Nos dias assinalados com a letra G, Schmied sempre vestiu a casaca e saiu com seu Mercedes.

— E agora, de onde é que o senhor tirou isso?

— Da sra. Schönler.

— Então é isso — respondeu Bärlach e se calou. Mas logo acrescentou: — Bem, são fatos.

Tschanz observou o semblante do comissário com atenção, acendeu um cigarro e disse hesitante: — O dr. Lutz disse-me que o senhor suspeita de determinada pessoa.

— Suspeito, sim, Tschanz.

— Agora que me tornei seu substituto no caso do assassinato de Schmied, não seria melhor, talvez, que o senhor me dissesse de quem suspeita, comissário Bärlach?

— Veja — respondeu Bärlach pausadamente, ponderando cada uma de suas palavras, como fizera Tschanz —, minha suspeita não é uma suspeita criminalisticamente científica. Não tenho motivos que a justifiquem. O senhor viu quantas coisas eu ignoro. Aliás, só tenho uma vaga ideia de quem poderia ter sido o assassino; mas a pessoa em questão ainda terá de fornecer as provas de que foi ela.

— O que o senhor quer dizer com isso, comissário? — perguntou Tschanz.

Bärlach sorriu: — Ora, preciso esperar até que surjam os indícios que justifiquem sua detenção.

— Se devo colaborar com o senhor, preciso saber contra quem devo dirigir minhas investigações — declarou Tschanz com delicadeza.

— Antes de tudo precisamos ser objetivos. Isso vale tanto para mim, que tenho uma suspeita, como para o senhor, que será o principal investigador do caso. Não posso saber se minha suspeita há de se confirmar. Aguardarei sua investigação. O senhor terá de

identificar o assassino de Schmied, sem levar em consideração que eu tenha determinada suspeita. Se aquele de quem eu suspeito for o assassino, o senhor mesmo topará com ele, e isso, contrariamente a mim, de uma maneira impecável, científica; se não for ele, o senhor acabará encontrando o verdadeiro assassino sem que tenha sido necessário saber o nome da pessoa de quem erroneamente suspeitei.

Silenciaram algum tempo, depois o velho perguntou: — O senhor está satisfeito com nosso método de trabalho?

Tschanz hesitou por um instante antes de responder.

— Bem, estou satisfeito.

— O que pretende fazer agora, Tschanz?

Este aproximou-se da janela.

— Schmied havia anotado a letra G para o dia de hoje. Quero ir a Lamboing para verificar o que consigo descobrir. Irei às sete, à mesma hora em que Schmied costumava ir quando viajava a Tessenberg.

Voltou-se novamente e perguntou com cortesia, mas como que brincando: — O senhor me acompanha, comissário?

— Sim, Tschanz, eu o acompanho — ele respondeu inesperadamente.

— Pois bem — disse Tschanz um pouco confuso, pois não contara com aquilo —, às sete horas.

Na porta ele voltou-se mais uma vez: — O senhor também esteve na casa da sra. Schönler, comissário Bärlach. Encontrou alguma coisa?

O velho não respondeu logo, primeiro guardou a pasta na gaveta e retirou a chave.

— Não, Tschanz — disse afinal —, não encontrei nada. O senhor pode ir agora.

Quatro

Às sete horas, Tschanz dirigiu-se à casa de Bärlach em Altenberg, onde o comissário morava havia 33 anos, à margem do rio Aare. Chovia, e o veloz carro da polícia derrapou na curva junto à ponte Nydeck. Tschanz, entretanto, conseguiu dominá-lo. Na rua Altenberg ele andou devagar, pois nunca estivera na casa de Bärlach e procurava o número através do vidro molhado, tendo dificuldade em enxergá-lo. Buzinou diversas vezes, mas na casa ninguém se movia. Tschanz desceu do carro e correu pela chuva até a porta da casa. Após breve hesitação, ele baixou o trinco, pois na escuridão não conseguiu encontrar a campainha. A porta não estava trancada, e Tschanz entrou num vestíbulo. Viu à sua frente uma porta entreaberta através da qual penetrava um raio de luz. Aproximou-se da porta e bateu, mas não obteve resposta e então a abriu de todo. Viu uma sala. Nas paredes havia estantes com livros, e no divã estava deitado Bärlach. O comissário dormia, mas parecia estar pronto para a viagem ao lago Bieler, pois vestia seu casacão de inverno. Na mão segurava um livro. Tschanz ouviu sua respiração calma e ficou constrangido. O sono do velho e a grande quantidade de livros lhe deram arrepios. Olhou ao redor com atenção. O recinto não possuía janelas, mas em cada parede havia uma porta que devia conduzir a outras peças. No meio havia uma grande escrivaninha. Tschanz assustou-se quando a viu, pois em cima dela repousava uma grande cobra de bronze.

— Eu a trouxe de Constantinopla — disse uma voz calma que vinha do divã, e Bärlach se ergueu. — O senhor vê, Tschanz, já

estou de sobretudo. Podemos ir.

— Desculpe-me — disse o outro, ainda surpreso —, o senhor estava dormindo e não ouviu minha chegada, não encontrei a campainha da porta.

— Não tenho campainha, não preciso dela; a porta da casa nunca fica trancada.

— Também quando o senhor não está em casa?

— Também quando não estou em casa. Sempre é excitante voltar para casa para ver se roubaram alguma coisa ou não.

Tschanz riu e agarrou a cobra de Constantinopla.

— Com esta eu certa vez quase fui morto — observou o comissário um tanto irônico, e só então Tschanz percebeu que a cabeça do animal podia ser usada como cabo e que o corpo era afiado como uma lâmina. Perplexo, examinou os estranhos ornamentos que reluziam naquela terrível arma. Bärlach estava parado a seu lado.

— Sede espertos com as cobras — disse ele e observou Tschanz longa e pensativamente. Depois sorriu: — E meigos como as pombas — tocando Tschanz no ombro de leve. — Adormeci pela primeira vez em dias. O maldito estômago.

— É tão grave assim? — perguntou Tschanz.

— Sim, é muito grave — respondeu o comissário com firmeza.

— O senhor deveria ficar em casa, sr. Bärlach, a noite está fria e chuvosa.

Bärlach contemplou Tschanz mais uma vez e riu: — Tolice, trata-se de achar um assassino. O senhor bem que gostaria que eu ficasse em casa.

Depois, sentados no carro, ao atravessarem a ponte Nydegg, Bärlach disse: — Por que não vamos através de Aargauerstalden para Zollikofen, Tschanz, pois é mais perto do que atravessando a cidade?

— Porque não quero chegar a Twann vindo de Zollikofen-Biel, mas sim vindo de Kerzers-Erlach.

— É um trajeto pouco comum, Tschanz.

— Nem tanto, comissário.

Novamente silenciaram. As luzes da cidade deslizavam por eles. Mas quando chegaram a Bethlehem, Tschanz perguntou: — O senhor alguma vez andou de carro com Schmied?

— Várias vezes. Ele era um motorista cuidadoso — e Bärlach olhou pensativo para o velocímetro, que estava indicando quase 110.

Tschanz reduziu um pouco a velocidade.

— Uma vez andei no carro de Schmied, vagaroso como o diabo, e lembro-me de que ele dera a seu carro um nome estranho. Ele o mencionou quando teve de abastecer. O senhor pode se lembrar desse nome? Eu o esqueci.

— Ele chamava seu carro de Charon Azul — respondeu Bärlach.

— Charon é um nome da lenda grega, não é?

— Charon conduzia os mortos para o reino dos mortos, Tschanz.

— Os pais de Schmied eram ricos e por isso ele pôde frequentar o ginásio. A nós isso não era permitido. Assim, ele sabia quem era Charon, e nós não o sabemos.

Bärlach enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo e de novo olhou para o velocímetro.

— Sim, Tschanz — disse ele —, Schmied tinha cultura, conhecia grego e latim e tinha um brilhante futuro como homem de letras e, mesmo assim, não dirigia a mais de cem.

Logo após Gümmenen, num posto de abastecimento, o carro parou bruscamente. Um homem se aproximou para servi-los.

— Polícia — disse Tschanz. — Precisamos de uma informação.

Viram imprecisamente um rosto curioso e um pouco assustado, que se inclinou para o carro.

— Há dois dias parou aqui um motorista que chamou seu carro de Charon Azul?

O homem sacudiu a cabeça admirado, e Tschanz seguiu viagem.

— Perguntaremos no próximo.

No posto de Kerzers também não sabiam de coisa alguma. Bärlach resmungou: — Isso que o senhor está fazendo não tem sentido.

Em Erlach, Tschanz teve sorte. Um homem assim estivera lá quarta-feira à noite, disseram-lhe.

— O senhor está vendo — disse Tschanz quando em Landeron tomaram a estrada para Neuenburg-Biel —, agora sabemos que Schmied na quarta-feira viajou por Kerzers-Ins.

— O senhor tem certeza? — perguntou o comissário.

— Eu lhe forneci uma prova irrefutável.

— Sim, a prova é irrefutável. Mas de que lhe adianta isto, Tschanz? — Bärlach quis saber.

— O que acontece é o seguinte. Tudo o que sabemos nos ajuda a avançar na investigação — foi a resposta.

— O senhor não deixa de ter razão — revidou o velho, e observou o lago Bieler. Parara de chover. Para o lado de Neuveville

a neblina de vez em quando deixava entrever o lago. Entraram em Ligerz. Tschanz dirigia devagar e procurava a saída para Lamboing.

Agora o carro subia em meio aos vinhedos. Bärlach abriu a janela, e seu olhar desceu para o lago. Sobre a ilha São Pedro havia algumas estrelas. As luzes se espelhavam na água; veloz, cruzava o lago uma lancha a motor. Já era tarde para navegar nessa época do ano, pensou Bärlach. Lá embaixo, à frente deles, estava Twann, e atrás ficava Ligerz.

Tomaram uma curva e agora iam em direção da floresta, que devia estar à sua frente dentro da noite. Tschanz parecia um pouco inseguro e observou que aquele caminho talvez conduzisse só até Schernelz. Quando viu um homem que vinha ao seu encontro, parou.

— Por aqui se vai para Lamboing?

— Sempre em frente e, quando chegar à fileira de casas brancas na beira da floresta, dobre à direita, entrando na floresta — respondeu o homem, que usava um casaco de couro, e depois assobiou chamando seu cachorrinho branco de cabeça preta, que rodopiava à luz dos faróis.

— Vem, Pim-Pim!

Abandonaram os vinhedos e logo estavam dentro da floresta. Os pinheiros vinham ao seu encontro, colunas infindáveis banhadas pela luz. A estrada era estreita e malconservada, vez por outra um galho batia no para-brisa. À direita o terreno caía bruscamente. Tschanz dirigia tão devagar que se ouvia o marulhar da água no fundo.

— É o desfiladeiro do arroio Twann — explicou Tschanz. — Do outro lado vem a estrada de Twann.

À esquerda os rochedos se erguiam para a noite e sempre tornavam a alvejar. Afora isso, tudo estava escuro, pois recém era lua nova. A estrada já não subia, e o arroio agora murmurava a seu lado. Tomaram uma curva à esquerda e atravessaram uma ponte. À sua frente havia uma estrada pavimentada. A estrada de Twann para Lamboing. Tschanz parou.

Apagou os faróis, e ficaram envoltos em escuridão completa.

— E agora? — perguntou Bärlach.

— Vamos esperar. São vinte para as oito.

Cinco

Como esperassem e fossem oito horas passadas sem que algo acontecesse, Bärlach achou que já era tempo de Tschanz lhe dizer o que pretendia fazer.

— Nada que estivesse planejado, comissário. Ainda não cheguei tão longe no caso Schmied; também o senhor continua tateando no escuro, mesmo tendo um suspeito. Hoje estou apostando todas as fichas na possibilidade de que esta noite haverá uma reunião no lugar onde Schmied esteve na quarta-feira e que alguém venha de carro; pois hoje em dia só se usa casaca em reuniões de certo vulto. É claro que só se trata de uma suposição, comissário Bärlach, mas em nossa profissão as suposições existem para serem averiguadas.

As polícias de Biel, Neuenstadt, Twann e Lamboing investigaram o que Schmied estivera fazendo no Tessenberg, sem nada descobrir, objetou o comissário, um tanto cético, às considerações de seu subordinado.

Schmied simplesmente teria sido vítima de um assassino que devia ser mais habilidoso do que a polícia de Biel e de Neuenstadt, retrucou Tschanz.

— Como poderia ele saber disso? — resmungou Bärlach.

— Nem desconfio — disse Tschanz. — Mas tenho respeito por aquele que matou Schmied; se é que neste caso se pode falar em respeito.

Bärlach o ouviu imóvel, com os ombros um pouco erguidos.

— E o senhor quer capturar esse homem, Tschanz, por quem o senhor tem respeito?

— Assim o espero, comissário.

Novamente silenciaram e ficaram esperando; então uma claridade vinda de Twann iluminou a floresta; os faróis de um carro banharam-nos em luz intensa. Uma limusine passou por eles em direção a Lamboing e desapareceu dentro da noite.

Tschanz ligou o motor. Apareceram mais dois automóveis, carros grandes, escuros, cheios de gente. Tschanz os seguiu.

A floresta terminou. Passaram por um restaurante cujo letreiro ficava à luz de uma porta aberta, por casas de camponeses, enquanto a sinaleira do último carro lhes mostrava o caminho.

Chegaram à extensa planície de Tessenberg. O céu estava limpo; brilhavam, gigantescas, Vega no poente, Capela no nascente, Aldebaran e a bola de fogo de Júpiter no alto.

A estrada tomou a direção norte, e diante deles destacavam-se as linhas escuras de Spitzberg e do Chasseral, a cujos pés tremulavam algumas luzes, as aldeias de Lamboing, Diese e Nods.

Então os carros à frente dobraram para a esquerda e tomaram uma vereda, e Tschanz parou. Abaixou o vidro da janela para poder se debruçar. No campo, ao longe, vislumbraram imprecisamente uma casa cercada de choupos cuja entrada estava iluminada e diante da qual os carros pararam. Ouviam-se vozes que vinham de lá, depois todos entraram e fez-se silêncio. A luz sobre a entrada se extinguiu.

— Não esperam por mais ninguém — disse Tschanz.

Bärlach desceu do carro e respirou o ar frio da noite. Fez-lhe bem, e ele ficou observando como Tschanz manobrava o carro para

o lado direito da estrada até ficar com a metade fora do caminho para Lamboing, que era estreito. Tschanz também desceu e juntou-se ao comissário. Caminharam pela vereda em direção da casa. O chão estava lamacento, e haviam se formado poças de água, também aqui havia chovido.

Então chegaram a um muro baixo, mas o portão que nele havia estava trancado. Suas barras enferrujadas excediam a altura do muro, por cima do qual podiam ver a casa.

O jardim era despido de vegetação; entre os choupos estavam as limusines como grandes animais; não se vislumbravam luzes. Tudo dava a impressão de um ermo.

Na escuridão conseguiram perceber que no meio da porta que dava para o jardim havia uma placa. Um dos pontos de suporte devia ter-se soltado; ela pendia enviesada. Tschanz acendeu a lanterna de bolso que trouxera do carro: na placa estava pintada a letra G em tamanho grande.

Novamente ficaram na escuridão.

— O senhor vê — disse Tschanz —, minha suposição se confirmou. Dei um tiro no escuro e acertei no alvo. — Depois pediu, satisfeito: — Agora me dê um charuto, comissário, eu mereço.

Bärlach lhe ofereceu um.

— Agora ainda precisamos descobrir o que significa a letra G.

— Isso não é problema: Gastmann.

— Como assim?

— Verifiquei na lista telefônica. Em Lamboing só há dois nomes que começam com G.

Bärlach riu perplexo, mas depois disse: — Não se tratará do outro G?

— Não, o outro é da gendarmaria. Ou o senhor acredita que um gendarme esteja envolvido no assassinato?

— Tudo é possível, Tschanz — respondeu o velho.

E Tschanz acendeu um palito de fósforo, mas teve dificuldade para acender seu charuto no vento forte, que agora sacudia os choupos com vigor.

Seis

Ele não entendia, admirou-se Bärlach, por que a polícia de Lamboing, de Diese e de Lignières não descobrira esse tal Gastmann, pois sua casa ficava em campo aberto, facilmente perceptível de Lamboing, e uma reunião aqui de forma alguma poderia ser mantida em segredo, pois tinha de chamar a atenção num lugarejo tão pequeno como Jura. Tschanz respondeu que ele também não encontrara explicação.

Resolveram, então, dar a volta na casa. Separaram-se; cada um tomou uma direção.

Tschanz desapareceu dentro da noite, e Bärlach ficou só. Dirigiu-se para a direita. Levantou a gola do casacão, pois sentiu frio. Tornou a sentir a forte pressão sobre o estômago, as pontadas violentas, e suor frio cobriu sua testa. Andou ao longo do muro e depois dobrou à direita, acompanhando-o. A casa continuava em completa escuridão.

Novamente ficou parado, apoiando-se no muro. Na beira da floresta viu as luzes de Lamboing, depois continuou a andar. O muro tornou a mudar de direção, agora para leste. A parede dos fundos da casa estava iluminada, havia luz intensa numa série de janelas do primeiro andar. Ouviu os sons de um piano e, prestando atenção, percebeu que alguém tocava Bach.

Prosseguiu. Segundo seus cálculos, agora deveria encontrar-se com Tschanz e procurou devassar o campo inundado pela claridade, mas tarde demais percebeu que poucos passos à sua frente havia um animal.

Bärlach era versado em zoologia, mas jamais tinha visto um ser tão gigantesco. Embora não pudesse distinguir os detalhes, apenas a silhueta que se destacava da superfície mais clara do solo, aquela fera parecia ser de uma espécie tão apavorante que Bärlach ficou imóvel. Ele viu que o animal virou a cabeça lentamente, como por acaso, e o fitou. Aqueles olhos redondos o contemplavam como dois focos luminosos, mas vazios.

O encontro inesperado, o animal colossal e a singularidade da aparição o paralisaram. Embora conservasse a cabeça fria, esquecera-se da necessidade de agir. Olhava para o animal, sem medo, mas fascinado. Sempre fora assim que o mal o envolvera em seu fascínio; era o grande enigma cuja solução o seduzia de novo.

E quando o cão de repente atacou, quando uma sombra gigantesca se lançou sobre ele, um monstro à solta sedento de sangue, o ímpeto da fera insana e enfurecida jogando-o ao chão e ele mal conseguindo proteger a garganta com o braço esquerdo, o velho não produziu um som sequer, nenhum grito de susto, pois tudo aquilo lhe parecia natural e enquadrado na ordem geral das coisas.

Mas logo ele ouviu, antes que o animal pudesse estraçalhar o braço que lhe atravessava a garganta, o estalo de um tiro, o corpo em cima dele estremeceu e o sangue quente escorreu-lhe pela mão. O cão estava morto.

Sentiu o peso da fera e Bärlach passou a mão sobre ela, sobre seu pelo liso e suarento. Levantou-se com esforço e, trêmulo, limpou a mão no capim ralo. Tschanz aproximou-se enquanto tornava a guardar a pistola no bolso do casacão.

— O senhor está ileso, comissário? — perguntou, olhando preocupado para a manga esquerda, que estava em farrapos.

— Completamente. A mordida do animal não penetrou.

Tschanz agachou-se e virou a cabeça da fera para o lado da luz, que se quebrou em seus olhos mortos.

— Dentes como os de um animal de rapina — disse estremecendo —, esta fera o teria deixado em pedaços, comissário.

— O senhor salvou minha vida, Tschanz.

Este ainda queria saber: — O senhor nunca anda armado?

Bärlach tocou com o pé a massa imóvel à sua frente.

— Raramente, Tschanz — respondeu ele, e silenciaram.

O cão morto estava deitado na terra nua e suja, e eles o contemplavam. A seus pés havia-se espalhado uma grande mancha negra: sangue que brotava da goela do animal como uma escura torrente de lava.

Quando tornaram a levantar o olhar, depararam com um quadro diferente. A música havia cessado, as janelas iluminadas estavam escancaradas e nelas se debruçavam pessoas em traje de noite. Bärlach e Tschanz se entreolharam, pois era-lhes penoso estarem como que diante de um tribunal, e isso em meio àquele ermo do Jura, onde a raposa e o coelho se cumprimentam, como pensou o comissário em seu dissabor.

Na terceira das cinco janelas, estava um homem só, separado dos demais, que indagou com voz estranha e sonora o que estavam fazendo ali.

— Polícia — respondeu Bärlach com calma, acrescentando que eles tinham de falar imprescindivelmente com o sr. Gastmann.

O homem respondeu que estava perplexo que tivessem de matar um cão para falar com o sr. Gastmann; além do mais, ele agora queria aproveitar a oportunidade de ouvir Bach, e fechou a janela, mas com movimentos calmos, sem pressa, como também havia falado sem indignação, mas antes com grande indiferença.

Ouvia-se um vozerio que vinha pelas janelas. Percebiam-se expressões como “incrível”, “O que acha disso, sr. diretor?”, “É um escândalo”, “Veja só como a polícia age, sr. comissário”. Depois essas pessoas se retiraram das janelas, que foram fechadas uma a uma, e fez-se silêncio.

Só restou aos policiais se retirarem. Diante da entrada, na parte da frente do muro, alguém esperava por eles. Era um vulto solitário que, nervoso, andava de um lado para outro.

— Depressa, acenda a luz — sussurrou Bärlach a Tschanz, e à claridade da lanterna surgiu um rosto gordo, balofo, não que fosse vulgar, mas um tanto inexpressivo, acima de um elegante traje de noite. Numa das mãos reluzia um pesado anel. A uma palavra sussurrada de Bärlach, a luz se extinguiu.

— Que diabos, quem são vocês? — xingou o gordo.

— Comissário Bärlach. É o sr. Gastmann?

— Conselheiro federal von Schwendi — coronel von Schwendi. Raios os partam, como se atrevem a dar tiros por aí?

— Estamos conduzindo uma investigação e precisamos falar com o sr. Gastmann, sr. conselheiro federal — respondeu Bärlach calmamente.

Mas o conselheiro federal não se deixou acalmar. Trovejou: — Com certeza são separatistas, não são?

Bärlach resolveu chamá-lo pelo outro título e disse, cauteloso, que o coronel estava enganado, que ele nada tinha a ver com a questão do Jura.

Antes que Bärlach pudesse continuar, o coronel ficou ainda mais furioso que o conselheiro federal. Então eram comunistas, sentenciou, por Deus, ele, como coronel, não permitiria que andassem dando tiros quando alguém queria ouvir música. Proibia terminantemente toda e qualquer demonstração contra a civilização ocidental. Do contrário o Exército Suíço trataria de manter a ordem!

Já que o conselheiro federal evidentemente estava desorientado, Bärlach teve de pôr as coisas nos devidos lugares.

— Tschanz, o que o conselheiro federal está dizendo não constará no relatório — ordenou objetivamente.

O conselheiro federal acalmou-se no mesmo instante.

— Que relatório é esse?

Como comissário da polícia de Berna, explicou Bärlach, ele tinha de investigar o assassinato do tenente de polícia Schmied. Era seu dever, aliás, fazer constar em relatório tudo o que as pessoas respondiam a determinadas perguntas, mas como — hesitou um momento, indeciso quanto ao título que agora usaria — o coronel obviamente estava interpretando mal a situação, ele não queria incluir no relatório a resposta do conselheiro federal.

O coronel ficou consternado.

— Os senhores são da polícia — disse ele —, aí já é outra coisa.

Que o desculpassem, prosseguiu, hoje ele havia almoçado na embaixada da Turquia, à tarde havia sido eleito para a presidência da Associação dos Coronéis Casa da Espada Suíça, após o que teve de participar de um coquetel de honra na sede dos Helvéticos, e

além disso de manhã houvera uma sessão especial da facção do partido da qual ele fazia parte, e agora essa festa na casa de Gastmann, aliás com um pianista de renome internacional. Estava morto de cansaço.

Se seria possível falar com o sr. Gastmann, perguntou Bärlach mais uma vez.

— O que os senhores querem com o sr. Gastmann? — perguntou von Schwendi. — O que tem ele a ver com o tenente de polícia assassinado?

— Schmied foi seu convidado na última quarta-feira e na viagem de volta foi assassinado perto de Twann.

— Que porcaria! — disse o conselheiro federal. — Gastmann costuma convidar qualquer um, acaba dando em acidente.

Depois calou-se, parecia meditar.

— Sou o advogado de Gastmann — prosseguiu afinal. — Por que os senhores vieram justamente esta noite? Ao menos podiam ter telefonado.

Bärlach explicou que só agora haviam descoberto a ligação com Gastmann.

O coronel ainda não se deu por satisfeito.

— E o que houve com o cão?

— Ele me atacou, e Tschanz teve de atirar.

— Isso então está em ordem — disse von Schwendi num tom bastante amistoso. — Gastmann agora realmente não pode falar com os senhores; também a polícia às vezes deve submeter-se aos costumes sociais. Amanhã procurarei os senhores em sua repartição e ainda hoje terei uma rápida conversa com Gastmann. Os senhores talvez tenham um retrato de Schmied?

Bärlach tirou uma fotografia de sua carteira e a entregou.

— Obrigado — disse o conselheiro federal.

Com um aceno de cabeça entrou na casa.

Bärlach e Tschanz de novo estavam sós diante das barras enferrujadas do portão; a casa estava como antes.

— Contra um conselheiro federal nada podemos fazer — disse Bärlach —, e quando além disso é coronel e advogado, então tem três diabos no corpo ao mesmo tempo. Cá estamos nós com nosso belo assassinato, sem saber o que fazer com ele.

Tschanz ficou calado, parecendo meditar. Finalmente disse: — São nove horas, comissário. Creio que agora deveríamos procurar o policial de Lamboing para conversarmos com ele acerca desse tal Gastmann.

— Está bem — respondeu Bärlach. — O senhor pode fazer isso. Procure esclarecer por que em Lamboing nada se sabe da visita de Schmied a Gastmann. Eu irei ao pequeno restaurante no início do desfiladeiro. Preciso fazer alguma coisa pelo meu estômago. Lá esperarei pelo senhor.

Voltaram pela vereda até o carro. Tschanz se afastou no veículo e em poucos minutos chegou a Lamboing.

Encontrou o policial na estalagem, onde estava sentado a uma mesa, com Clenin, que viera de Twann, separados dos camponeses, pois obviamente estavam conferenciando. O policial de Lamboing era baixo, gordo e tinha cabelos vermelhos. Chamava-se Jean-Pierre Charnel.

Tschanz juntou-se a eles, e a desconfiança que os dois nutriam contra o colega de Berna logo desapareceu. Charnel apenas não gostou de que agora, em vez de francês, tivesse de falar alemão,

uma língua que não lhe era muito familiar. Tomaram vinho branco, e Tschanz o fez acompanhar de pão e queijo, mas ocultou que acabava de vir da casa de Gastmann, perguntando se eles ainda não tinham alguma pista.

— *Non* – disse Charnel –, nenhuma pista do *assassin*. *On a rien trouvé*, nada encontramos.

Continuou dizendo que naquela região só se podia levar em consideração uma pessoa, um certo sr. Gastmann, da Casa Rolliers, que ele comprara, onde sempre recebia muitos convidados e onde também na quarta-feira houvera uma grande festa. Mas Schmied não estivera lá, Gastmann não sabia de coisa alguma nem sequer conhecia o nome.

— *Schmied n'était pas chez Gastmann, impossible*. Completamente impossível.

Tschanz escutou aquela algaravia e respondeu que seria interessante ouvir outros que também tivessem visto Gastmann aquela noite.

Isso ele havia feito, interpolou Clenin; em Schernelz, depois de Ligerz, morava um escritor que conhecia bem Gastmann, costumava visitá-lo, também participara da festa de quarta-feira. Ele tampouco sabia de Schmied, nunca ouvira seu nome, aliás policial algum visitara Gastmann, segundo lhe constava.

— Então, um escritor? — disse Tschanz e franziu a testa. — Terei de conhecer esse tipo mais de perto. Escritores sempre são pessoas dúbias, mas acabo apanhando essa gente superdotada.

— O que faz esse Gastmann, Charnel? — continuou interrogando.

— *Un monsieur très riche* – respondeu o policial de Lamboing, entusiasmado. — Tem dinheiro como água, é *très noble*. Dá gorjeta à minha *fiancée* – e apontou para a garçonete, orgulhoso — *comme un roi*, mas não com a intenção de querer alguma coisa dela. *Pasça, non*.

— Qual é a profissão dele?

— *Philosophe*.

— O que quer dizer isso, Charnel?

— Um homem que pensar muito e nada fazer.

— Mas ele não precisa ganhar dinheiro?

Charnel sacudiu a cabeça.

— Ele não ganhar dinheiro, ele ter dinheiro. Ele pagar impostos por toda a aldeia de Lamboing. Para nós é suficiente que Gastmann é o homem mais simpático de todo o Cantão.

— Mesmo assim será necessário que investiguemos a fundo esse tal Gastmann. Amanhã irei à casa dele.

— Mas então tenha cuidado com seu cão — advertiu Charnel. — *Un chien très dangereux*.

Tschanz levantou-se e bateu nos ombros do policial de Lamboing. — Ora, eu darei conta dele.

Sete

Eram dez horas quando Tschanz separou-se de Clenin e Charnel para dirigir-se ao restaurante no início do desfiladeiro, onde Bärlach o aguardava. Mas, lá onde começava a vereda que conduzia à casa de Gastmann, ele mais uma vez parou o carro. Desceu, andou devagar até o portão, depois ao longo do muro. A casa estava como antes, escura e solitária, cercada pelos gigantescos choupos que se curvavam ao vento. As limusines continuavam estacionadas no jardim. Tschanz, contudo, não andou ao redor da casa, mas só até um dos cantos, de onde podia enxergar a parte dos fundos, que estava iluminada. De vez em quando via os perfis de pessoas nas vidraças amarelas; Tschanz se mantinha encostado ao muro para não ser percebido. Viu o quintal. O cão já não estava lá sobre a terra nua, alguém o levara, só a escura poça de sangue ainda brilhava à luz da janela. Tschanz regressou ao carro.

No restaurante perto do desfiladeiro, já não havia sinal de Bärlach. Ele deixara a hospedaria meia hora antes para ir a Twann, após ter tomado um trago, informou a hospedeira; não ficara mais que cinco minutos na casa.

Tschanz refletiu sobre o que o velho estaria fazendo, mas não pôde continuar com suas meditações por muito tempo, pois a estrada, que não era larga, exigia toda a sua atenção. Passou pela ponte, junto à qual haviam esperado, depois desceu pela floresta.

Teve então uma experiência estranha e inquietante, que o deixou pensativo. Ele andara ligeiro e, de repente, viu o lago resplandecendo no fundo, um espelho noturno entre rochedos

brancos. Devia ter chegado ao local do crime. Então destacou-se da parede de rochas um vulto escuro, que fazia sinais inequívocos para que parasse.

Tschanz freou automaticamente e abriu a porta da direita, embora se arrependesse em seguida, pois acometeu-o o pensamento de que isso que agora estava encontrando seria a mesma coisa que Schmied encontrara alguns instantes antes de ser assassinado. Meteu a mão no bolso e segurou o revólver, e a frieza do metal o acalmou. O vulto aproximou-se. Então percebeu que era Bärlach, mas a tensão não o abandonou; pelo contrário, ficou branco de terror secreto, sem poder se dar conta do motivo de tanto medo. Bärlach inclinou-se, e eles se encararam, aparentemente durante horas, mas foram apenas alguns segundos. Nenhum deles disse palavra, seus olhos eram como pedras. Então Bärlach sentou-se a seu lado, e sua mão soltou a arma oculta.

— Pode prosseguir, Tschanz — disse Bärlach, e sua voz soou diferente.

O outro estremeceu ao ouvir o tratamento familiar que o velho lhe dispensava, mas daí em diante o comissário o adotou. Só depois de terem passado por Biel, Bärlach quebrou o silêncio, perguntando o que Tschanz soubera em Lamboing.

— É como teremos de chamar o lugarejo definitivamente, em francês.

Ele nada respondeu à informação de que tanto Charnel como Clenin achavam impossível que Schmied, a vítima, tivesse visitado Gastmann; quanto ao escritor que Clenin havia mencionado, achou que falaria com ele pessoalmente.

Tschanz dava as informações com mais animação do que de costume, aliviado por terem voltado a conversar e porque queria disfarçar seu estranho nervosismo, mas já antes de Schüpfen ambos silenciaram de novo.

Um pouco depois das onze, pararam defronte à casa de Bärlach em Altenberg, e o comissário desembarcou.

— Agradeço mais uma vez, Tschanz — disse ele, apertando-lhe a mão. — É desagradável falarmos nisso, mas você salvou minha vida.

Continuou parado, olhando para a sinaleira do carro que se afastava veloz.

— Agora, que ele dirija como bem entender.

Entrou em sua casa, que não estava trancada, e na sala com os livros meteu a mão no bolso do sobretudo e sacou uma arma, que pôs em cima da escrivaninha, ao lado da cobra, com todo o cuidado. Era um revólver grande e pesado.

Depois, devagar, tirou o sobretudo. Quando ficou sem ele, apareceu seu braço esquerdo, enrolado numa grossa camada de panos, como costumam usar aqueles que treinam seus cães para o ataque.

Oito

O velho comissário, de acordo com sua experiência, na manhã seguinte contava com alguns contratempos, como costumava chamar seus atritos com Lutz.

— A gente sabe como são os sábados — matutou ele ao atravessar a ponte de Altenberg —, os funcionários arreganham os dentes só porque estão com a consciência pesada por não terem feito nada de sensato durante a semana toda.

Estava solenemente trajado de preto, pois o sepultamento de Schmied seria às dez horas. Não podia deixar de comparecer, e era isso, aliás, o que mais o aborrecia.

Von Schwendi apresentou-se logo após as oito, mas não a Bärlach e sim a Lutz, a quem Tschanz acabara de relatar os acontecimentos da noite anterior.

Von Schwendi pertencia ao mesmo partido de Lutz, o da Congregação Conservadora e Liberal-socialista dos Independentes, ao qual se dedicara com entusiasmo, e desde o jantar conjunto, após uma das reuniões reservadas do diretório, eles passaram a tratar-se por você, embora Lutz não tivesse sido eleito para o grande conselho; pois em Berna, segundo declarara von Schwendi, era absolutamente inadmissível que houvesse um representante do povo com o prenome Lucius.

— É incrível — começou ele mal seu vulto volumoso apareceu no vão da porta. — O que seu pessoal da polícia de Berna está aprontando, meu caro Lutz? Matam a tiros o cão de meu cliente Gastmann, uma raça incomum da América do Sul, e perturbam a

cultura, Anatol Kraushaar-Raffaelli, um pianista afamado em todo o mundo. Os suíços não têm educação, não têm traquejo social, não há nem sinal da mentalidade europeia. Contra isso só há um remédio, três anos na escola de recrutas.

Lutz, para quem o aparecimento de seu correligionário era penoso e que temia suas tiradas intermináveis, convidou-o a sentar-se.

— Estamos envolvidos numa investigação das mais difíceis — observou ele atemorizado. — Você está informado. O jovem policial que a conduz é considerado bastante talentoso, pelos padrões suíços. O velho comissário, que também esteve lá, já faz parte do ferro-velho, devo admiti-lo. Lamento o sacrifício de um cão sul-americano tão raro, pois também sou dono de um cão e amigo dos animais, e mandarei abrir um rigoroso inquérito especial. Acontece que essa gente não tem a menor noção de criminalística. Quando penso em Chicago, nossa situação me parece desesperadora.

Fez uma breve pausa, consternado porque von Schwendi o fitava ininterruptamente com expressão de espanto, e então prosseguiu, mas já bastante inseguro: — Com certeza o outro sabia, será que o assassinado, Schmied, na quarta-feira havia visitado o cliente de von Schwendi, como a polícia por diversas circunstâncias era levada a supor?

— Meu caro Lutz — respondeu o coronel —, vamos deixar de patranhas. Os senhores, da polícia, sabem de tudo; conheço muito bem essa confraria.

— O que o senhor quer dizer com isso, sr. conselheiro federal? — perguntou Lutz, confuso, inadvertidamente voltando a dar-lhe o

tratamento de senhoria, pois já não se sentia bem tratando-o por você.

Von Schwendi reclinou-se, cruzou as mãos sobre o peito e arreganhou os dentes, uma pose que, no fundo, fazia jus tanto ao coronel quanto ao conselheiro federal.

— Doutorzinho — disse ele —, eu agora gostaria de saber, de uma vez por todas, por que os senhores estão importunando meu bom amigo Gastmann com esse caso Schmied. O que se passa lá no Jura não é da conta da polícia, felizmente estamos livres de uma Gestapo que mete o nariz em tudo.

Lutz caiu das nuvens.

— Como assim, estamos importunando seu cliente, que nos é completamente desconhecido, com o caso Schmied? — perguntou desamparado. — E como assim, um assassinato não é da nossa conta?

— Se os senhores não têm a menor ideia de que Schmied participava sob o nome de dr. Prantl, livre-docente de História da Cultura Americana em Munique, das reuniões que Gastmann realizava em sua casa em Lamboing, então toda a polícia deve demitir-se impreterivelmente por absoluta incapacidade em criminalística — afirmou von Schwendi, tamborilando nervoso com os dedos da mão direita na escrivaninha de Lutz.

— Não sabíamos de nada disso, meu caro Oskar — disse Lutz, aliviado porque nesse momento conseguira lembrar-se do prenome do conselheiro federal. — Acabo de ouvir uma grande novidade.

— Ora, ora — disse von Schwendi secamente e se calou, ao que Lutz ficou cada vez mais consciente de sua inferioridade, suspeitando que paulatinamente teria de ceder a tudo o que o

coronel procurasse obter dele. Olhou indefeso para os quadros de Traffelet, os soldados em marcha, as bandeiras suíças desfraldadas, o general a cavalo. O conselheiro federal percebeu o embaraço do chefe das investigações com um certo sentimento de triunfo e finalmente acrescentou ao seu "ora, ora", esclarecendo-o ao mesmo tempo: — Portanto a polícia está sabendo de uma grande novidade; logo, a polícia não sabe de coisa alguma.

Por mais desagradável que lhe fosse e por mais intolerável que fosse a sua situação por causa da atitude grosseira de von Schwendi, o chefe das investigações teve de admitir que Schmied não visitara Gastmann a serviço e que a polícia não tivera a menor ideia dessas visitas em Lamboing. Schmied fizera isso por motivos estritamente pessoais, concluiu Lutz em sua penosa explicação. Aliás, era-lhe um completo mistério por que ele teria adotado um nome suposto.

Von Schwendi inclinou-se para a frente e encarou Lutz com seus olhos vermelhos e turvos.

— Isso explica tudo — disse ele. — Schmied espionava para um governo estrangeiro.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Lutz, mais inseguro do que nunca.

— Quero dizer — disse o conselheiro federal — que a polícia agora terá que investigar, antes de tudo, quais os motivos que levaram Schmied a visitar Gastmann.

— A polícia, antes de qualquer outra coisa, deve descobrir quem é Gastmann, meu caro Oskar — retrucou Lutz.

— Gastmann, para a polícia, é um homem completamente inofensivo — respondeu von Schwendi —, e eu não quero que você

se ocupe dele nem qualquer outra pessoa da polícia. Esse é o desejo dele, ele é meu cliente e eu estou aqui para cuidar de que seu desejo seja atendido.

Essa resposta inequívoca deixou Lutz tão aniquilado que de início ele não conseguiu retrucar. Acendeu um charuto, sem que, em sua confusão, oferecesse um a von Schwendi. Só depois se apurou em sua cadeira e respondeu: — O fato de que Schmied esteve com Gastmann infelizmente obriga a polícia a se ocupar de seu cliente, meu caro Oskar.

Von Schwendi não se deixou perturbar.

— Isso obriga a polícia, antes de tudo, a se ocupar de mim, pois sou o advogado de Gastmann — disse ele. — Pode dar-se por feliz, Lutz, por ter de haver-se comigo; pois eu quero ajudar não apenas a Gastmann, mas também a você. É claro que todo esse caso é desagradável para meu cliente, mas é muito mais penoso para você, pois a polícia até agora não descobriu coisa alguma. Aliás, duvido de que algum dia vocês consigam esclarecer esse negócio.

— A polícia — respondeu Lutz — tem esclarecido quase todos os assassinatos, isso está comprovado pela estatística. Admito que no caso Schmied encontramos certas dificuldades, mas por outro lado — hesitou um pouco — já podemos registrar alguns resultados importantes. A polícia chegou até Gastmann por si mesma, e esse é o motivo por que Gastmann mandou você aqui. As dificuldades estão do lado de Gastmann, não do nosso lado, e cabe a ele manifestar-se sobre o caso Schmied, não a nós. Schmied esteve na casa dele, embora sob nome falso; e é justamente esse fato que obriga a polícia a investigar Gastmann, pois a conduta invulgar do assassinado implica em primeiro lugar Gastmann. Precisamos

interrogar Gastmann e disso só desistiremos se você puder nos explicar, sem qualquer sombra de dúvida, por que Schmied visitou seu cliente sob um nome falso, e isso por diversas vezes, segundo averiguamos.

— Pois bem — disse von Schwendi —, vamos falar com franqueza. Você verá que não sou eu quem deve dar uma explicação sobre Gastmann, mas que vocês é que devem explicar o que Schmied foi procurar em Lamboing. Aqui os acusados são os senhores, meu caro Lutz, não nós.

Com essas palavras ele sacou uma lauda branca, uma folha grande que desdobrou e pôs sobre a mesa do chefe da investigação.

— Estes são os nomes das pessoas que frequentaram a casa de meu bom amigo Gastmann — disse ele. — A lista está completa. Eu a dividi em três grupos. O primeiro podemos excluir, pois não interessa, são os artistas. É claro que não me refiro a Kraushaar-Raffaeli, que é estrangeiro; não, refiro-me aos nacionais, os de Utzenstorf e de Merlingen. Ou eles escrevem dramas sobre a batalha de Morgarten e Niklaus Manuel, ou eles pintam montanhas e mais montanhas. O segundo grupo são os industriais. Você verá os nomes, são homens de respeito, homens que eu considero como os primeiros da sociedade suíça. Isso eu digo com toda a franqueza, embora da parte de minha avó materna eu descenda de camponeses.

— E o terceiro grupo dos convidados de Gastmann? — perguntou Lutz, pois que o conselheiro federal de repente se calara, deixando o chefe das investigações nervoso com sua calma — e naturalmente era essa a intenção de von Schwendi.

— O terceiro grupo — prosseguiu von Schwendi finalmente — torna o caso Schmied desagradável, para você e também para os industriais, como sou levado a admitir; pois agora tenho de mencionar coisas que a polícia afinal teria de manter rigorosamente secretas. Mas como os senhores, da polícia de Berna, não conseguiram se abster de investigar Gastmann, e como agora lamentavelmente se verifica que Schmied esteve em Lamboing, os industriais se veem obrigados a me incumbir de informar à polícia, na medida em que isso se torna necessário devido ao caso Schmied. O que é desagradável para nós é que temos de revelar acontecimentos políticos da mais alta relevância, e para os senhores é desagradável que o poder que têm neste país sobre as pessoas de nacionalidade suíça e não suíça não se estenda ao terceiro grupo.

— Não entendo uma palavra do que você esta dizendo — observou Lutz.

— Acontece que você nunca entendeu de política, meu caro Lucius — replicou von Schwendi. — Trata-se, no terceiro grupo, de membros de uma embaixada estrangeira, que fazem questão de nunca, sob quaisquer circunstâncias, serem mencionados em conjunto com certa classe de industriais.

Nove

Lutz agora entendeu o que o conselheiro federal dizia, e fez-se um longo silêncio na sala do chefe das investigações. O telefone tocou, mas Lutz só o tirou do gancho para vociferar no aparelho “reunião”, após o que tornou a silenciar. Finalmente, contudo, ele disse: — Ao que me consta, atualmente estão em curso negociações com essa potência, para a assinatura de um novo tratado comercial.

— Certamente, está-se negociando — respondeu o coronel. — Oficialmente está-se negociando, pois os diplomatas querem ter alguma coisa para fazer. Mas extraoficialmente negocia-se muito mais, e em Lamboing as negociações se processam entre particulares. Afinal, na indústria moderna há negociações nas quais o Estado não deve se imiscuir, sr. chefe das investigações.

— Naturalmente — admitiu Lutz, intimidado.

— Naturalmente — repetiu von Schwendi. — E nessas negociações secretas esteve presente, sob um nome suposto, o tenente da polícia municipal de Berna, Ulrich Schmied, que infelizmente foi assassinado.

O chefe das investigações, confuso, novamente ficou em silêncio, e assim von Schwendi percebeu que sua tática fora acertada. Lutz ficara tão indefeso que o conselheiro federal podia fazer com ele o que bem entendesse. Como acontece com a maioria das pessoas simples, o desenrolar imprevisto do caso do assassinato de Ulrich Schmied abalou tanto o funcionário, que este

se deixou influenciar e fez concessões tais que uma investigação objetiva do caso ficaria seriamente comprometida.

Na verdade ele ainda tentou regatear sua situação.

— Meu caro Oskar — disse ele —, eu não encaro tudo isso com tanta gravidade. É claro que os industriais suíços têm o direito de manter negociações particulares com aqueles que se interessam por negociar, mesmo que seja a tal potência. Isso eu não discuto, e a polícia não costuma se imiscuir. Schmied, repito, visitou Gastmann por motivos particulares, e eu apresento as desculpas da repartição pelo fato; pois certamente ele agiu mal dando um nome falso e uma falsa profissão, embora um policial às vezes esteja sujeito a certas restrições. Mas ele não foi sozinho a esses encontros, havia também os artistas, meu caro conselheiro federal.

— Era a decoração necessária. Vivemos num país civilizado, Lutz, e precisamos de publicidade. As negociações tinham de ficar secretas e para isso não há nada melhor do que os artistas. Uma festa com assado, vinho, charutos, mulheres, uma conversa generalizada, os artistas enfadados formam uma roda, bebem e não percebem que os capitalistas e os representantes daquela potência estão confabulando. Nem mesmo querem percebê-lo, pois não lhes interessa. Artistas só se interessam pela arte. Mas um policial que participe da reunião pode perceber tudo. Não, Lutz, o caso Schmied é grave.

— Infelizmente só posso repetir que as visitas de Schmied a Gastmann por enquanto nos são incompreensíveis — respondeu Lutz.

— Se ele não foi de parte da polícia, então foi incumbido por outros — replicou von Schwendi. — Existem potências estrangeiras,

meu caro Lucius, que têm interesse em saber o que ocorre em Lamboing. Essa é a política do mundo ocidental.

— Schmied não era espião.

— Temos todos os motivos para acreditar que era. Para honra da Suíça, é melhor que ele fosse espião do que alcaguete da polícia.

— Ele agora está morto — suspirou o chefe das investigações, que teria dado tudo para agora poder interrogar Schmied pessoalmente.

— Isso não é assunto nosso — asseverou o coronel. — Não quero levantar suspeitas, mas só determinada potência estrangeira pode ter interesse em manter secretas as negociações de Lamboing. No nosso caso, se trata de dinheiro, no caso deles, dos princípios da política partidária. Vamos ser honestos. Mas é óbvio que é justamente nesse sentido que a polícia só pode agir sob circunstâncias muito difíceis.

Lutz levantou-se e se aproximou da janela.

— Ainda não vejo com clareza qual é o papel de seu cliente Gastmann — disse ele pausadamente.

Von Schwendi abanou-se com a lauda branca e respondeu: — Gastmann cede sua casa aos industriais e aos representantes da embaixada para as conversações.

— Por que justamente Gastmann?

— Meu eminente cliente — resmungou o coronel — apenas possuía a necessária projeção humana para tanto. Durante anos fora embaixador da Argentina na China e assim gozava da confiança da potência estrangeira, e como antigo presidente

administrativo do truste da folha de flandres, tinha a confiança dos industriais. Além disso, ele morava em Lamboing.

— O que você quer dizer com isso, Oskar?

Von Schwendi sorriu, irônico: — Você já tinha ouvido falar de Lamboing antes do assassinato de Schmied?

— Não.

— Pois é por isso — afirmou o conselheiro federal. — Porque ninguém conhece Lamboing. Precisávamos de um lugar desconhecido para nossos encontros. Portanto você pode deixar Gastmann em paz. Deve compreender que ele não gosta de contatos com a polícia, que também não aprecia seus interrogatórios, seus farejos e as constantes indagações, isso se faz com o nosso Luginbühl ou o nosso von Gunten quando tiverem cometido outra infração, mas não com um homem que certa vez recusou ser eleito para a Academia Francesa. Além disso, a sua polícia municipal se mostrou realmente inepta, pois não se matam cachorros a tiros quando estão tocando Bach. Não que Gastmann esteja ofendido, pois para ele tudo isso é indiferente, sua polícia pode demolir a casa dele a tiros sem que ele torça o nariz; mas já não faz sentido que Gastmann seja importunado quando nesse assassinato estão envolvidas potências com as quais nem nossos honrados industriais suíços nem Gastmann têm algo a ver.

O chefe das investigações andava de um lado para outro, junto à janela.

— Agora teremos de concentrar nossas averiguações especialmente na vida de Schmied — declarou. — Com relação à potência estrangeira, informaremos o procurador da República. Ainda não posso saber até onde ele se encarregará do caso, mas

sem dúvida nos confiará o trabalho principal. Atenderei à sua solicitação de pouparmos Gastmann; é óbvio que também desistiremos de uma busca domiciliar. Se mesmo assim for necessário falar com ele, eu lhe peço que nos aproxime e que esteja presente à entrevista. Assim poderei liquidar as formalidades com Gastmann sem constrangimento. Pois nesse caso não se trata de uma investigação, mas apenas de uma formalidade dentro da investigação global, em que as circunstâncias exigem que também Gastmann seja ouvido, mesmo que isso não faça sentido; mas uma investigação tem que ser completa. Falaremos sobre arte para que a entrevista transcorra dentro da maior harmonia, e não farei perguntas. Contudo, se eu tiver de fazer alguma — para atender às formalidades —, antecipadamente lhe transmitirei a pergunta.

Também o conselheiro federal tinha se levantado, e assim os dois homens estavam frente a frente. O conselheiro federal pôs a mão sobre o ombro do chefe das investigações.

— Portanto estamos combinados — disse ele. — Você vai deixar Gastmann em paz, Lützchen, tenho sua palavra. Esta pasta deixarei consigo; a lista é minuciosa e completa. Passei toda a noite dando telefonemas, e há grande alvoroço. Já não se sabe se a embaixada estrangeira ainda estará interessada nas negociações, quando souber do caso Schmied. São milhões que estão em jogo, meu doutorzinho, milhões! Para suas investigações desejo boa sorte. Você vai precisar.

Com essas palavras von Schwendi saiu, pisando forte.

Dez

Lutz mal teve tempo de examinar a lista do conselheiro federal, largando-a com um suspiro por causa da celebridade dos nomes — que negócio funesto é este em que estou envolvido, pensou ele — quando Bärlach entrou, como sempre sem bater. O velho tinha a intenção de requisitar os meios legais para procurar Gastmann em Lamboing, mas Lutz protelou o assunto para a tarde. Agora era hora de ir ao enterro, disse e se levantou.

Bärlach não retrucou e abandonou a sala com Lutz, ao qual a promessa de deixar Gastmann em paz parecia cada vez mais imprudente, em face da forte resistêcia de Bärlach. Estavam parados na rua, calados, ambos de sobretudos pretos, dos quais levantaram as golas. Chovia, mas não abriram os guarda-chuvas, pois poucos passos os separavam do carro. Blatter dirigia. A chuva agora caía em verdadeiras torrentes, que batiam de viés nas janelas. Cada um estava imóvel em seu canto. Agora terei de revelar meu compromisso, pensou Lutz e olhou para o perfil calmo de Bärlach, o qual, como fazia com frequência, mantinha a mão sobre o estômago.

— O senhor sente dores? — perguntou Lutz.

— Sempre — respondeu Bärlach.

De novo se calaram, e Lutz pensou: “Vou contar à tarde”. Blatter dirigia devagar. Tudo desaparecia atrás de uma parede branca, tão intensa era a chuva. Dentro desse mar cadente, algures boiavam bondes, automóveis, Lutz não sabia onde estavam, os vidros embaciados impediam qualquer visão. Dentro do carro a escuridão

era cada vez mais intensa. Lutz acendeu um cigarro, assoprou a fumaça para a frente, pensou que no caso Gastmann ele não se deixaria enredar numa discussão com o velho e disse: — Os jornais vão noticiar o assassinato, já não é possível ocultá-lo.

— O que também não teria mais sentido — respondeu Bärlach —, pois já encontramos uma pista.

Lutz apagou seu cigarro: — Aliás, jamais teve sentido.

Bärlach calou-se, e Lutz, com vontade de brigar, espreitou de novo pela janela. A chuva havia abrandado um pouco. Já estavam na alameda. O cemitério de Schlosshalden surgia entre os troncos fumegantes, muros cinzentos molhados pela chuva. Blatter dirigiu para o estacionamento, parou. Desceram do carro, abriram seus guarda-chuvas e caminharam entre as fileiras de sepulturas. Não precisaram procurar muito. As pedras tumulares e as cruzes recuaram, chegaram a um lugar que parecia um canteiro de obras. O terreno estava salpicado de sepulturas recém-cavadas, sobre as quais havia tábuas. A umidade da grama molhada penetrava nos sapatos, aos quais a lama se grudava. No meio desse lugar, entre sepulturas ainda não ocupadas, nas quais a chuva formava poças sujas, entre cruzes provisórias de madeira e montículos de terra densamente cobertos de flores e coroas que apodreciam logo, havia pessoas paradas ao redor de um túmulo. O ataúde ainda não fora baixado, o padre lia um trecho da Bíblia, ao lado dele, segurando o guarda-chuva para ambos, o coveiro, com um ridículo traje profissional que lembrava um fraque, encolhido de frio, apoiando-se ora sobre uma perna, ora sobre a outra. Bärlach e Lutz ficaram parados ao lado do túmulo. O velho ouviu que alguém chorava. Era a sra. Schönler, disforme e gorda, exposta à chuva incessante, e a

seu lado estava Tschanz, sem guarda-chuva, a gola da capa levantada, o cinto pendente, com um chapéu-coco na cabeça. A seu lado uma moça pálida, sem chapéu, de cabelo louro com as madeixas molhadas caídas; era Anna, segundo supôs Bärlach. Tschanz inclinou-se, Lutz acenou com a cabeça, o comissário continuou impassível. Ele observou os outros que cercavam o túmulo: eram todos policiais, de trajes civis, todos de capas iguais, com os mesmos chapéus-coco pretos, segurando os guarda-chuvas como se fossem espadas, fantásticos guardas funerários que o vento trouxera de algum lugar, irrealis em sua singeleza. Atrás deles, em filas escalonadas, os músicos da banda municipal, precipitadamente convocados, em seus uniformes vermelhos e pretos, tentando desesperados proteger os instrumentos amarelos debaixo de suas capas. Assim estavam todos parados ao redor do ataúde, um caixão de madeira que repousava no chão, sem coroas, sem flores, mas mesmo assim a única coisa cálida e protegida nessa chuva incessante que caía com um ruído uniforme, cada vez mais forte, cada vez mais interminável. O padre havia muito parara de falar. Ninguém percebeu. Só a chuva estava presente, só a chuva se fazia ouvir. O padre tossiu. Uma vez. Depois várias vezes. Aí irromperam os trombones, as trompas, as cornetas, os trompetes, os fagotes, orgulhosos e solenes, relâmpagos amarelos nas torrentes de chuva; mas logo também eles afundaram, esmaeceram, desistiram. Todos se abrigavam debaixo dos guarda-chuvas, das capas. Chovia cada vez mais. Os sapatos afundavam na lama, a água como um regato escorria para dentro da sepultura vazia. Lutz fez uma reverência e deu um passo à frente. Contemplou o ataúde molhado e fez nova reverência.

— Meus amigos — disse ele em algum lugar dentro da chuva, quase inaudível através dos véus d'água. — Meus amigos, nosso companheiro Schmied nos deixou.

Foi interrompido por uma cantoria selvagem, desafinada: *O diabo está solto, o diabo está solto, deixa as pessoas tortas de tanto lhes bater!*

Dois homens vestindo casacas pretas vieram cambaleando pelo cemitério. Sem guarda-chuvas nem capas, nada os protegia da chuva. A roupa lhes grudava no corpo. Na cabeça ambos usavam cartolas, de onde a água lhes escorria para o rosto. Carregavam uma imensa coroa de louros, verde, cuja fita pendia e se arrastava pelo chão. Eram dois sujeitos brutais, gigantescos, magarefes de casaca, totalmente embriagados, prestes a se estatelarem no chão, mas como não tropeçavam ao mesmo tempo, sempre conseguiam segurar-se na coroa de louros que estava entre os dois, balouçando para cima e para baixo, como um navio numa borrasca. Agora entoaram nova canção, no dialeto de Berna:

O marido da moleira morreu, a moleira vive, está bem viva, a moleira se casou com o criado, a moleira vive, está bem viva.

Correram em direção aos presentes, precipitaram-se no meio deles, entre a sra. Schönler e Tschanz, sem que alguém os impedisse, pois todos estavam como que petrificados, e depois se afastaram cambaleando sobre a grama encharcada, apoiando-se mutuamente, abraçando-se, tropeçando nos túmulos, derrubando cruzes numa monumental embriaguez. Sua cantoria perdeu-se na chuva, que acabou encobrindo tudo.

Tudo passa, tudo tem um fim!

Foi a última coisa que se ouviu deles. Apenas ficou a coroa, jogada sobre o ataúde, e na fita suja lia-se, em letras grandes desbotadas: "Ao nosso querido dr. Prantl". Mas quando as pessoas que estavam ao redor da sepultura se refizeram do choque e quiseram expressar sua indignação, e a banda municipal, para resguardar a solenidade do ato, tornou a tocar com vigor os instrumentos, a chuva se transformou numa tempestade de tal violência, fustigando os teixos, que todos debandaram da sepultura, onde só permaneceram os coveiros, estafermos pretos ao vento uivante, esforçando-se, sob o estalar do aguaceiro, para finalmente baixar o ataúde.

Onze

Quando Bärlach voltou ao carro com Lutz, e Blatter, dirigindo entre os policiais e músicos que fugiam do temporal, entrou na alameda, o doutor finalmente desabafou: — Incrível esse Gastmann — exclamou.

— Não entendo — disse o velho.

— Schmied frequentava a casa de Gastmann sob o nome Prantl.

— Então isso deve ser uma advertência — respondeu Bärlach, mas não fez outras perguntas.

O carro se dirigia para Muristalden, onde Lutz morava. Aliás, pensou Lutz, agora seria o momento apropriado para falar com o velho acerca de Gastmann, que deviam deixá-lo em paz, mas novamente se calou. Em Burgernziel ele desembarcou, Bärlach ficou só.

— Devo levá-lo à cidade, comissário? — perguntou o policial que dirigia.

— Não, leve-me para casa, Blatter.

Blatter então acelerou o carro. A chuva havia cessado e, de repente, em Muristalden, Bärlach se viu banhado por uma luz resplandecente: o sol atravessou as nuvens, tornou a desaparecer e reapareceu de novo num jogo alucinante com a neblina e as nuvens que pareciam montanhas, monstros que vinham do ocidente numa corrida louca, se aglomeravam contra os morros, lançando sombras fugidias sobre a cidade que se estendia junto ao rio, um corpo inerte entre a floresta e as colinas. Bärlach passou a mão cansada sobre a capa molhada, seus olhos semiabertos faiscaram, ávido ele

absorveu o espetáculo: a terra era bela. Blatter parou. Bärlach agradeceu e desceu do carro oficial. Deixara de chover, só se fazia sentir o vento frio e úmido. O velho ficou parado, esperou até que Blatter fizesse o pesado carro dar a volta e saudou mais uma vez enquanto ele se afastava. Depois se aproximou do rio Aare. Este estava cheio, as águas sujas, lamacentas. Um velho e enferrujado carrinho de criança veio boiando, galhos, um pinheirinho e depois, rodopiando, um barquinho de papel. Bärlach ficou contemplando o rio por muito tempo, ele o amava. Depois, atravessando o jardim, entrou em casa.

Bärlach trocou os sapatos e só então entrou na sala, mas ficou parado no limiar. Atrás da escrivaninha estava sentado um homem que folheava a pasta de Schmied. Sua mão direita brincava com a faca turca de Bärlach.

— Então é você — disse o velho.

— Sim, sou eu — respondeu o outro.

Bärlach fechou a porta e sentou-se em sua poltrona, do outro lado da escrivaninha. Contemplou o outro em silêncio, e esse continuou calmamente a folhear a pasta de Schmied, era um tipo quase camponês, tranquilo e reservado, os olhos afundados no rosto ossudo porém redondo, os cabelos curtos.

— Agora você adotou o nome Gastmann — disse afinal o velho.

O outro sacou seu cachimbo, encheu-o sem perder Bärlach de vista, acendeu-o e respondeu, batendo na pasta de Schmied com o indicador: — Você sabe disso muito bem, há bastante tempo. Foi você quem mandou o jovem me seguir, essas indicações são suas.

Depois fechou a pasta. Bärlach olhou para a escrivaninha, sobre a qual ainda estava seu revólver com a coronha para seu lado, ele

só precisava estender a mão; então disse: — Nunca deixarei de perseguir você. Algum dia conseguirei provar seus crimes.

— Terá de se apressar, Bärlach — respondeu o outro. — Já não lhe sobra muito tempo. Os médicos lhe dão um ano, desde que a operação seja feita agora.

— Tem razão — disse o velho. — Mais um ano. E agora não posso submeter-me à operação, preciso agir. É minha última oportunidade.

— A última — confirmou o outro, e depois tornaram a ficar em silêncio, interminavelmente, ficaram sentados, calados.

— Faz mais de quarenta anos — o outro tornou a falar — que nos encontramos pela primeira vez, numa decaída taberna de judeus, no Bósforo. Durante aquele nosso encontro, a lua, como um pedaço disforme de queijo suíço amarelo, pairava entre as nuvens iluminando as traves podres sobre nossas cabeças, isso eu guardo na lembrança. Você, Bärlach, era um jovem profissional da polícia suíça a serviço na Turquia, encarregado de fazer alguma reforma, e eu, bem, eu era um aventureiro vagabundo, como sou até hoje, ansioso por conhecer esta minha única vida e este planeta misterioso, também único. Nós simpatizamos um com o outro à primeira vista, sentados entre judeus de cafetã e gregos imundos. Contudo, quando aquela cachaça infernal, aquele líquido fermentado sabe-se lá de que tâmaras, e aquele mar de fogo feito de cereais estranhos da região de Odessa, que então despejávamos pela garganta, começaram a fazer efeito dentro de nós, fazendo nossos olhos brilharem como brasas vivas dentro da noite turca, nossa conversa esquentou. Oh, como gosto de lembrar aquela hora que definiu sua vida e a minha!

Riu.

O velho ficou sentado, contemplando-o em silêncio.

— Você ainda tem um ano de vida — continuou o outro —, e durante quarenta anos seguiu bravamente o meu rastro. O que discutimos naquela hora, Bärlach, no mofo daquela taberna do bairro de Tophane, envoltos pela fumaça de cigarros turcos? Sua tese era de que a imperfeição humana, o fato de que nunca podemos prever o procedimento dos outros com segurança, e de que além disso o acaso, que mete as mãos em tudo, não pode ser encaixado em nossas ponderações, são os motivos por que a maioria dos crimes forçosamente tem que ser desvendada. Você dizia que cometer um crime era tolice, porque era impossível manejar as pessoas como se manejam as peças do tabuleiro de xadrez. Eu, por outro lado, levantei a tese, mais para contrariá-lo do que por estar convencido, de que justamente o emaranhado das relações humanas tornava possível cometer crimes que não podiam ser descobertos, e que por esse motivo a grande maioria dos crimes fica não apenas sem castigo, mas também livre de suspeita, como que cometidos ocultamente. E como continuássemos a discutir, seduzidos pelo fogo infernal da cachaça que o taberneiro judeu nos servia e mais ainda pela nossa juventude, em nosso entusiasmo fizemos uma aposta, justamente quando a lua se punha na Ásia Menor, uma aposta que, arrogantes, deixamos ao Deus-dará. Um pouco como quem não consegue soffrear uma pilhéria terrível, mesmo que seja uma blasfêmia, só porque a deixa provoca uma espécie de diabólica tentação do espírito pelo espírito.

— Você tem razão — disse o velho, calmo. — Naquela ocasião fizemos tal aposta.

— Você não pensou que eu a cumpriria — disse o outro, rindo.
— Quando na manhã seguinte acordamos de cabeça pesada na taberna deserta, você num banco apodrecido, eu debaixo de uma mesa ainda úmida de aguardente.

— Não pensei que alguém conseguisse cumprir uma aposta daquelas — respondeu Bärlach.

Ficaram calados.

— Não nos deixe cair em tentação — recomeçou o outro. — Sua respeitabilidade nunca correu o perigo de cair em tentação, mas sua respeitabilidade tentou a mim. Eu cumpri a ousada aposta de cometer um crime na sua presença, sem que você tivesse condições de prová-lo.

— Três dias depois — disse o velho em voz baixa, absorto em suas lembranças —, quando atravessávamos a ponte Mahmud com o comerciante alemão, você o jogou na água diante dos meus olhos.

— O pobre-diabo não sabia nadar, e também você dominava tão pouco essa arte que, após sua frustrada tentativa de salvamento, foi retirado semiafogado das ondas barrentas do Corno Dourado — respondeu o outro, inabalável. — O assassinato foi cometido num dia luminoso do verão da Turquia, sob uma brisa agradável que vinha do mar, numa ponte movimentada, à vista do público, entre casais de namorados da colônia europeia, muçulmanos e mendigos das redondezas, e apesar disso você nada pôde provar contra mim. Mandou me prender, de balde. Interrogatórios intermináveis, inúteis. O tribunal acreditou na minha versão, que era de suicídio do comerciante.

— Você pôde provar que o comerciante estava prestes a falir e que ele tentara se salvar através de uma fraude — admitiu o velho

com amargura, mais pálido que de costume.

— Eu escolho minhas vítimas com cuidado, meu amigo — disse o outro, rindo.

— Assim tornou-se um delinquente — respondeu o comissário.

O outro, pensativo, brincava com a faca turca.

— Para ser franco, não posso negar que sou um delinquente ou coisa parecida — acabou dizendo com indiferença. — Tornei-me um delinquente cada vez melhor, e você um criminalista cada vez melhor. Mas sempre estive um passo à sua frente, e você nunca conseguiu me alcançar. Sempre tornei a surgir em sua carreira, como um fantasma cinzento, sempre fui movido pelo desejo de cometer crimes cada vez mais ousados, cada vez mais selvagens e mais blasfemos, e bem debaixo do seu nariz, por assim dizer, e você jamais foi capaz de provar minha culpabilidade. Pôde vencer os imbecis, mas sempre o venci.

Depois prosseguiu, observando o velho com atenção e como que se divertindo: — É assim que temos vivido. Você, levando uma vida sob seus superiores, em seus distritos policiais, em suas repartições bolorentas, sempre honesto, escalando um degrau após o outro na escada dos seus modestos sucessos, batendo-se com ladrões e falsários, com pobres-diabos que não conseguiam aprumar-se na vida e com miseráveis assassinozinhos, quando muito, ao passo que eu, ora no escuro, no matagal de metrópoles perdidas, ora na luz de posições brilhantes, coberto de condecorações, eufórico, praticando o bem quando sentia atração para tanto ou, com outra disposição, gostando das más ações. Quantas aventuras, quanta diversão! Seu desejo era destruir minha vida e o meu era afirmar

minha vida, apesar de você. Deveras, uma só noite acorrentou nossas vidas para sempre!

O homem atrás da escrivaninha de Bärlach bateu as palmas das mãos, um só vez, num gesto cruel: Agora estamos no fim de nossa carreira — exclamou. — Você voltou para a sua Berna, meio naufragado, para esta cidade sonolenta, ingênua, onde nunca se sabe quanto nela ainda vive, quanto está morto, e eu voltei a Lamboing, só por um capricho: gosta-se de completar o círculo, pois naquela aldeia abandonada por Deus uma mulher qualquer, há muito tempo enterrada, me deu à luz sem muito pensar e sem qualquer plano para mim, e assim eu, com treze anos, numa noite de chuva, me mandei. Pois cá estamos novamente. Desista, meu amigo, isso não tem sentido. A morte não espera.

E então, com um movimento quase imperceptível da mão, ele jogou a faca com pontaria precisa, ela roçou a face de Bärlach e se cravou profundamente no encosto da poltrona. O velho não se moveu. O outro riu: — Portanto você acredita que eu matei o tal Schmied?

— Cabe-me examinar o caso — respondeu o comissário.

O outro levantou-se e se apossou da pasta.

— Esta eu levo comigo.

— Algum dia conseguirei provar seus crimes — disse então Bärlach pela segunda vez. — E agora é minha última oportunidade.

— Esta pasta contém as únicas provas, embora escassas, que Schmied colecionou para você em Lamboing. Sem elas você está perdido. Sei que você não possui cópias ou reproduções, pois o conheço.

— Não — admitiu o velho —, não possuo nada disso.

— Você não vai usar o revólver para me impedir? — perguntou o outro com sarcasmo.

— Você tirou as balas — respondeu Bärlach, imóvel.

— Precisamente — disse o outro e tocou-lhe os ombros.

Depois passou pelo velho, a porta se abriu e novamente se fechou, lá fora outra porta se moveu. Bärlach continuou sentado em sua poltrona, com a face encostada na lâmina fria da faca. Mas de repente ele apanhou a arma e a examinou. Estava carregada. Levantou-se de um salto, correu para a antessala e depois para a porta da frente, que abriu de um golpe, empunhando a arma.

A rua estava deserta.

Aí veio a dor, a enorme, terrível, penetrante dor, uma labareda que nascia dentro dele, que o jogou no leito, encolhido, escaldado pela febre, sacudido pelos calafrios. O velho rastejou como um animal, jogou-se no chão, rolou sobre o tapete, e depois ficou deitado em algum lugar de sua alcova, entre as cadeiras, coberto de suor frio.

— O que é o homem? — suspirou baixinho —, o que é o homem?

Doze

Conseguiu levantar-se. Após o acesso sentiu-se melhor, livre das dores depois de muito tempo. Tomou vinho aquecido em pequenos goles, com cuidado, nada mais. Mas não deixou de dar seu costumeiro passeio pela cidade, ao longo da Bundestrasse, embora semiadormecido, e cada passo que dava no ar purificado lhe fazia bem. Lutz, diante de quem pouco depois ele estava sentado, na repartição, nada notou, talvez ocupado demais com sua má consciência para poder notar alguma coisa. Ele havia decidido informar Bärlach naquela mesma tarde sobre sua entrevista com von Schwendi, sem outras postergações, e para tanto havia assumido uma postura fria, objetiva, com o peito estufado, como o general no quadro de Traffelet acima de sua cabeça, instruindo o velho num estilo enérgico, telegráfico. Contudo, para sua imensa surpresa, o comissário não fez quaisquer restrições, concordou com tudo, observou que de toda maneira seria preferível aguardar a decisão da câmara, concentrando as investigações principalmente na vida de Schmied. Lutz ficou tão surpreendido que desistiu de sua pose, tornando-se bastante afável e loquaz.

— Obviamente colhi informações sobre Gastmann — disse ele —, e sei o suficiente para estar convencido de que é impossível que sobre ele possa pesar qualquer suspeita de assassinato.

— Naturalmente — disse o velho.

Lutz, tendo recebido algumas informações de Biel durante a hora do almoço, bancou o homem seguro de si: — Ele é natural de Pockau, na Saxônia, filho de um grande comerciante de artigos de

couro, foi cidadão argentino, tendo sido embaixador daquele país na China — deve ter emigrado para a América do Sul na juventude —, depois foi francês, estando geralmente em extensas viagens. Foi condecorado com a Cruz da Legião de Honra e tornou-se conhecido com publicações sobre questões biológicas. Um traço característico dele é que recusou ser recebido na Academia Francesa. Isso realmente me impressionou.

— É uma característica interessante — disse Bärlach.

— Ainda estamos colhendo informações sobre seus dois empregados. Eles têm passaportes franceses, mas parece que são naturais do Emmental. Ele os usou, no enterro, para uma brincadeira de mau gosto.

— Parece que Gastmann tem essa mania de fazer pilhérias — disse o velho.

— Bem, ele deve ter se aborrecido com a morte de seu cão. O caso Schmied para nós é, antes de tudo, um aborrecimento. Estamos provocando má impressão. Por sorte tenho relações de amizade com von Schwendi. Gastmann é um homem do mundo e goza de toda a confiança dos empresários suíços.

— Então deve ser uma pessoa correta — observou Bärlach.

— Sua pessoa está acima de qualquer suspeita.

— Decididamente — concordou o velho.

— Infelizmente não podemos dizer a mesma coisa de Schmied — concluiu Lutz e mandou ligar para a câmara.

Contudo, enquanto estava aguardando no aparelho, o comissário, que já fizera menção de sair, disse de repente: — Preciso pedir-lhe uma semana de licença para tratamento de saúde, doutor.

— Está bem — respondeu Lutz tapando o bocal com a mão, pois já estavam atendendo —, na segunda-feira o senhor não precisará vir!

Bärlach era aguardado em sua sala por Tschanz, que se levantou quando o velho entrou. Ele aparentava calma, mas o comissário sentiu seu nervosismo.

— Vamos à casa de Gastmann — disse Tschanz —, já deveríamos ter ido lá há muito tempo.

— À casa do escritor — respondeu o velho e vestiu seu sobretudo.

— Rodeios, sempre rodeios — reclamou Tschanz, descendo a escadaria atrás de Bärlach.

O comissário ficou parado na saída do edifício.

— Este é o Mercedes azul de Schmied.

Tschanz disse que o havia comprado, a prestações — alguém teria de ficar com o carro —, e embarcou.

Bärlach sentou-se a seu lado, e Tschanz, atravessando a Bahnhofplatz, dirigiu-se para Bethlehem. Bärlach resmungou: — Você está indo de novo por Ins.

— Eu gosto deste trajeto.

Bärlach contemplou os campos lavados pela chuva. Tudo estava banhado numa luz clara, serena. No céu pairava um sol quente, suave, já se inclinando um pouco para o poente. Ambos estavam silenciosos. Uma única vez, entre Kerzers e Müntschemier, Tschanz perguntou: — A sra. Schönler disse-me que o senhor retirou uma pasta do quarto de Schmied.

— Nada oficial, Tschanz, apenas coisas particulares.

Tschanz nada retrucou nem fez outras perguntas, só que Bärlach teve de apontar para o velocímetro, que indicava 125.

— Mais devagar, Tschanz, mais devagar. Não que eu tenha medo, mas meu estômago não está em ordem. Sou um homem velho.

Treze

O escritor os recebeu em sua sala de trabalho. Era uma peça antiga, baixa, que obrigou os dois, ao passarem pela porta, a se agacharem como que sob uma canga. Lá fora ainda latia o cachorrinho branco de cabeça preta, e em algum lugar da casa berrava uma criança. O escritor estava sentado junto à janela gótica da frente, vestindo um macacão e uma jaqueta de couro marrom. Virou-se em sua cadeira na direção dos visitantes sem abandonar sua escrivaninha, que estava abarrotada de papéis. Ele sequer se levantou, mal os cumprimentou e só perguntou o que a polícia queria dele. “Ele é descortês”, pensou Bärlach, “não gosta de policiais; escritores jamais gostam da polícia”. O velho decidiu agir com cuidado, também Tschanz não estava contente com a situação. “Em todo caso, não devemos deixar que ele nos observe, pois do contrário ainda faremos parte de algum livro”, foi mais ou menos o que ambos pensaram. Mas quando, a um gesto do escritor, se sentaram nas poltronas macias, verificaram surpresos que a luz da pequena janela os atingia em cheio, ao passo que, naquela sala verde de teto baixo, cercados de livros, a claridade traiçoeira os ofuscava de modo a mal poderem vislumbrar o rosto do escritor.

— Viemos por causa do caso Schmied — começou o velho —, aquele que foi assassinado perto de Twann.

— Eu sei. O caso do dr. Prantl, que espionava Gastmann — respondeu a massa escura entre eles e a janela. — Gastmann me contou.

Por um rápido momento o rosto se iluminou, ele acendeu um cigarro. Os dois chegaram a ver que o rosto se contorceu numa careta sorridente.

— Os senhores querem meu álibi?

— Não — disse Bärlach.

— Os senhores não me julgam capaz de assassinato? — perguntou o escritor, visivelmente desapontado.

— Não — respondeu Bärlach secamente —, o senhor não.

O escritor suspirou.

— É sempre assim, na Suíça os pobres escritores são sempre menosprezados!

O velho riu.

— Se o senhor realmente quiser saber: é óbvio que já temos seu álibi. À meia-noite e meia, na noite do crime, entre Lamlingen e Schernelz, o senhor encontrou o guarda-florestal, e com ele seguiu para casa. O caminho era o mesmo. O senhor teria estado muito alegre, disse o guarda.

— Eu sei. O policial de Twann já interrogou o guarda-florestal duas vezes a meu respeito. E todas as demais pessoas daqui. Até mesmo minha sogra. Então eu de fato era suspeito do crime — afirmou o escritor com orgulho. — É também uma espécie de sucesso literário!

E Bärlach pensou que se tratava apenas da vaidade do escritor, que queria ser levado a sério. Todos os três se calaram, e Tschanz se esforçou por observar a expressão do rosto do escritor. Com essa luz não era possível.

— O que mais os senhores querem? — rosnou finalmente o escritor.

— O senhor visita com frequência o sr. Gastmann?

— Um interrogatório? — perguntou a massa escura que se deslocou ainda mais para junto da janela. — Agora não tenho tempo.

— Por favor, não seja tão cruel — disse o comissário —, apenas queremos conversar um pouco.

O escritor resmungou, Bärlach repetiu: — O senhor visita com frequência o sr. Gastmann?

— Uma vez ou outra.

— Por quê?

O velho esperava uma resposta irritada; mas o escritor apenas riu, assoprou nuvens de fumaça no rosto dos dois e disse: — É um homem interessante esse Gastmann, comissário, um homem assim atrai escritores como moscas. Saiba o senhor que ele cozinha esplendidamente, maravilhosamente!

E agora o escritor começou a falar sobre a arte culinária de Gastmann, a descrever um prato após o outro. Durante cinco minutos os dois o escutaram, depois mais cinco minutos; mas como, após um quarto de hora, o escritor continuasse a falar da arte culinária de Gastmann e de nada mais do que da arte culinária de Gastmann, Tschanz levantou-se e disse que eles lamentavelmente não tinham vindo por causa da arte culinária, mas Bärlach o contestou, muito animado, que isso o interessava, e agora também Bärlach começou. O velho como que rejuvenesceu e de sua parte fez um relato da arte culinária dos turcos, dos romenos, dos búlgaros, dos iugoslavos, dos tchecos, os dois jogavam iguanas um para o outro como se fossem bolas de brinquedo. Tschanz suava e praguejava por dentro. Os dois não

conseguiam se afastar da arte culinária, mas afinal, após três quartos de hora, pararam exaustos, como que após uma longa refeição. O escritor acendeu um charuto. Havia silêncio, ao lado a criança recomeçou a berrar. Lá fora o cão latia. Então, de repente, a voz de Tschanz se fez ouvir: — Schmied foi assassinado por Gastmann?

A pergunta era primária, o velho sacudiu a cabeça, e a massa escura à frente deles disse: — O senhor realmente aposta tudo.

— Eu lhe peço que responda — disse Tschanz, decidido, e se inclinou para a frente, mas o rosto do escritor continuou irreconhecível.

Bärlach ficou curioso quanto à resposta do escritor.

Esse permaneceu calmo.

— A que horas o policial foi morto? — perguntou.

Isso teria sido antes da meia-noite, respondeu Tschanz.

Ele naturalmente não podia saber, respondeu o escritor, se as leis da lógica valiam também para a polícia, e duvidava disso, pois — como a polícia havia verificado em suas diligências — à meia-noite e meia ele se havia encontrado com o guarda-florestal na estrada para Schernelz e portanto deveria ter se despedido de Gastmann dez minutos antes, e assim era evidente que Gastmann não podia ser o assassino.

Tschanz queria saber mais, se àquela hora ainda havia outros convidados com Gastmann.

O escritor disse que não.

— Schmied se despediu junto com os outros?

— O dr. Prantl costumava ser o penúltimo a se despedir — respondeu o escritor, não sem ironia.

— E o último?

— Eu.

Tschanz não afrouxou.

— Ambos os criados estavam presentes?

— Não sei.

Tschanz queria saber por que não podia receber uma resposta inequívoca.

Parecia-lhe que a resposta era bastante inequívoca, vociferou o escritor. Que ele nunca costumava observar criados daquela espécie.

Se Gastmann era um homem bom ou mau, perguntou Tschanz numa espécie de desespero, tão desinibido que deixou o comissário sobre brasas. “Se não fizermos parte do próximo romance, será por milagre”, pensou.

O escritor soprou tanta fumaça no rosto de Tschanz que este teve de tossir, e então fez-se um longo silêncio na sala, não se ouviam nem mesmo os berros da criança.

— Gastmann é um homem mau — disse finalmente o escritor.

— E apesar disso o senhor o visita com frequência, só porque ele cozinha bem? — perguntou Tschanz, indignado após novo acesso de tosse.

— Só por isso.

— Eu não posso entender.

O escritor riu. Que ele também era uma espécie de policial, disse, mas sem poder, sem governo, sem lei e sem prisão atrás de si. Também era da profissão *dele* vigiar as pessoas.

Tschanz calou-se confuso, e Bärlach disse: — Eu entendo. — E depois, após um instante: — Agora meu subalterno Tschanz, com

seu entusiasmo exagerado, me meteu numa encrenca, e não sei como hei de me safar sem deixar alguns cabelos. Mas a juventude tem também seu lado bom, e aproveitemos essa trilha que um boi em seu ímpeto nos abriu (Tschanz ficou vermelho de raiva com estas palavras do comissário). Detenhamo-nos nas perguntas e respostas que, Deus o quis, já foram pronunciadas. Agarremos esta oportunidade pelos cabelos. O que acha da situação, meu caro senhor? Gastmann seria capaz de cometer o crime?

A sala ficou mais escura, mas o escritor não se lembrara de acender a luz. Sentou-se no nicho da janela, de modo que os dois policiais ficaram como que presos numa caverna.

— Considero Gastmann capaz de qualquer crime — foi a resposta brutal que veio da janela, com uma voz que não deixava de denotar malícia. — Contudo estou convencido de que ele não assassinou Schmied.

— O senhor conhece Gastmann — disse Bärlach.

— Eu faço um quadro dele — disse o escritor.

— O senhor faz o *seu* quadro dele — corrigiu o velho, a massa escura diante dele, emoldurada pela janela.

— O que me fascina nele não é tanto sua arte culinária, embora eu dificilmente me entusiasme mais por qualquer outra coisa, mas antes as possibilidades de um homem que é um verdadeiro niilista — disse o escritor. — É sempre empolgante encontrar uma figura teórica na realidade.

— É sempre empolgante, antes de tudo, ouvir um escritor — disse o comissário secamente.

— Talvez Gastmann tenha praticado o bem, mais do que nós três juntos, que estamos sentados nesta sala torta — continuou o

escritor. — Se eu digo que ele é mau, é porque ele pratica o bem por um capricho, por uma veleidade, do mesmo modo como pratica o mal que eu lhe atribuo. Ele nunca fará o mal para conseguir alguma coisa, como outros cometem seus crimes para obter dinheiro, para conquistar uma mulher ou obter poder; ele o fará quando não tiver sentido, talvez, pois para ele sempre há duas possibilidades, o bem e o mal, e o que decide é o acaso.

— O senhor tira essas conclusões como se se tratasse de matemática — retrucou o velho.

— Pois é matemática — respondeu o escritor. — Pode-se construir seu contrário com o mal, assim como se constrói uma figura geométrica pelo reflexo de outra num espelho, e eu tenho certeza de que existem pessoas assim, em algum lugar, e talvez o senhor encontre alguma. Quando se encontra uma, encontra-se a outra.

— Isso soa como um programa — disse o velho.

— Pois bem, não deixa de ser um programa, por que não? — disse o escritor. — Assim, imagino como a figura invertida de Gastmann alguém que fosse um criminoso porque o mal representa sua moral, sua filosofia, e o praticasse com o mesmo fanatismo com que outro, por sensatez, pratica o bem.

O comissário achou que agora seria preferível voltarem a tratar de Gastmann, pois este o interessava mais.

— Como o senhor quiser — disse o escritor —, voltemos a tratar de Gastmann, comissário, sob o prisma do mal. Para ele o mal não é a expressão de uma filosofia ou de uma inclinação, mas sim de sua liberdade: a liberdade do nada.

— Por essa liberdade não dou um tostão — respondeu o velho.

— E o senhor não deve dar um tostão por ela — retorquiu o outro. — Mas seria possível dar-se a vida pela oportunidade de estudar esse homem e sua liberdade.

— A vida — disse o velho.

O escritor calou-se. Aparentemente nada mais queria dizer.

— Eu tenho que me haver com um Gastmann de verdade — disse o velho por fim. — Com um homem que mora perto de Lamlingen, na planície de Tessenberg, e que dá recepções que custaram a vida de um tenente da polícia. Eu deveria saber se o quadro que o senhor pintou é o retrato de Gastmann ou o retrato de seus sonhos.

— De nossos sonhos — disse o escritor.

O comissário calou-se.

— Eu não sei — concluiu o escritor, aproximando-se dos dois para a despedida, estendendo a mão a Bärlach, só a ele: — Nunca me ocupei dessas coisas. Afinal, é a polícia que se incumbe de resolver essa questão.

catorze

Os dois policiais voltaram ao carro perseguidos pelo cãozinho branco, que latia furiosamente, e Tschanz sentou-se à direção.

Ele disse:

— Não gosto desse escritor.

Bärlach arrumou seu sobretudo antes de embarcar. O cãozinho havia subido num muro coberto de hera e continuava a latir.

— Agora à casa de Gastmann — disse Tschanz e ligou o motor.

O velho sacudiu a cabeça.

— Para Berna.

Desceram na direção de Ligerz, entrando numa região que se abria para eles num imenso vale. Estendidos na vastidão estavam os elementos: pedra, terra, água. Eles viajavam à sombra, mas o sol, que se pusera atrás do Tessenberg, ainda iluminava o lago, a ilha, as coxilhas, o promontório, as geleiras no horizonte e as monstruosas nuvens amontoadas umas por cima das outras que vagavam nos mares azuis do firmamento. O velho contemplava impassível aquela paisagem outonal em constante mutação. É sempre a mesma coisa, pensou ele, por mais que mude, tudo continua igual. Mas numa curva brusca da estrada, quando o lago, um escudo arqueado, ficou verticalmente a seus pés, Tschanz parou.

— Preciso falar com o senhor, comissário — disse ele nervoso.

— O que você quer? — perguntou Bärlach, olhando para os rochedos embaixo.

— Temos que procurar Gastmann, não há outra maneira de progredirmos, isso é lógico. Antes de tudo precisamos interrogar os criados.

Bärlach recostou-se no assento, um senhor distinto e encanecido, calmamente observando o jovem a seu lado com seus olhos frios, semicerrados.

— Por Deus, Tschanz, não podemos fazer sempre aquilo que é lógico. Lutz não quer que visitemos Gastmann. Isso é compreensível, pois ele teve de referir o caso ao procurador-geral. Aguardemos suas ordens. Acontece que estamos lidando com estrangeiros melindrosos.

O modo descuidado de Bärlach deixou Tschanz enfurecido.

— Mas isso é absurdo — gritou. — Lutz, com suas considerações políticas, está sabotando a investigação. Von Schwendi é seu amigo e é o advogado de Gastmann, e daí podemos tirar nossas conclusões.

Bärlach ficou impassível: — É bom que estejamos sós, Tschanz. Lutz talvez agiu com um pouco de precipitação, mas teve bons motivos. O mistério está com Schmied, não com Gastmann.

Tschanz não se deixou convencer: — A única coisa que temos a fazer é procurar a verdade — gritou ele desesperado para as montanhas de nuvens que se aproximavam —, a verdade e somente a verdade, quem é o assassino de Schmied!

— Você tem razão — repetiu Bärlach, mas de forma indiferente e fria —, a verdade, quem é o assassino de Schmied.

O jovem policial pôs a mão sobre o ombro esquerdo do velho e encarou seu rosto impenetrável: — Por isso temos de agir com todos os meios ao nosso alcance, isto é, contra Gastmann. A

investigação deve ser completa. O senhor diz que nem sempre se pode fazer aquilo que é lógico. Mas neste caso *temos* de fazê-lo. Não podemos deixar Gastmann de lado.

— Gastmann não é o assassino — disse Bärlach secamente.

— Existe a possibilidade de que Gastmann seja o mandante do crime. Temos que inquirir seus criados! — retrucou Tschanz.

— Não vejo o menor motivo que pudesse ter levado Gastmann a assassinar Schmied — disse o velho. — Temos de procurar o autor do crime onde tal ato possa fazer sentido, e isso só interessa ao procurador-geral — continuou.

— O escritor também acha que Gastmann é o assassino — exclamou Tschanz.

— Você também pensa assim? — perguntou Bärlach, observando-o.

— Eu também, comissário.

— Então está sozinho — afirmou Bärlach. — O escritor o julga capaz de qualquer crime, o que é diferente. O escritor nada declarou sobre os atos de Gastmann, só falou de suas potencialidades.

Aí o outro perdeu a paciência. Segurou o velho pelos ombros.

— Durante anos fiquei na sombra, comissário — disse arquejando. — Sempre me passaram para trás, me desprezaram, usaram-me como o mais insignificante dos seres, como um estafeta melhorado!

— Isso eu admito, Tschanz — disse Bärlach impassível, encarando o jovem desesperado —, durante anos você ficou à sombra daquele que agora foi assassinado.

— Só porque ele frequentou melhores escolas! Só porque ele sabia latim.

— Você está sendo injusto — respondeu Bärlach. — Schmied foi o melhor criminalista que conheci em minha vida.

— E agora — bradou Tschanz —, quando surge uma oportunidade, de novo tudo será de balde e minha única chance de promoção se perderá num estúpido jogo diplomático! Só o senhor pode alterar essa situação, comissário, fale com Lutz, só o senhor pode convencê-lo a permitir que eu procure Gastmann.

— Não, Tschanz — disse Bärlach —, isso eu não posso fazer.

O outro o sacudiu como a um escolar, segurou-o entre os punhos berrando: — Fale com Lutz, fale com ele!

Mas o velho não se deixou enternecer: — Não é possível, Tschanz — disse ele. — Eu já não sirvo para essas coisas. Estou velho e doente. Já não tenho a calma necessária. Você terá que se virar sozinho.

— Está bem — disse Tschanz; de repente largou Bärlach e tornou a segurar o volante do carro, embora estivesse com uma palidez cadavérica e tremendo. — Então deixe estar. O senhor não pode me ajudar.

Continuaram a descer em direção a Ligerz.

— Você não esteve em Grindelwald durante as férias? Na pensão Eiger? — perguntou o velho.

— Estive, comissário.

— Um lugar calmo, que não é caro demais?

— É como o senhor diz.

— Bem, Tschanz, amanhã viajarei para lá para descansar. Preciso do ar da montanha. Tirei uma semana de licença para

tratamento de saúde.

Tschanz não respondeu logo. Só quando tomaram a estrada para Biel-Neuenburg ele observou, e sua voz de novo soava como antes: — O ar das montanhas nem sempre faz bem, comissário.

Quinze

Ainda na mesma tarde, Bärlach procurou seu médico na Bärenplatz, o dr. Samuel Hungertobel. As luzes já estavam acesas, de minuto a minuto a escuridão se fazia mais profunda. Bärlach, da janela do consultório do dr. Hungertobel, contemplou a praça lá embaixo com o fluxo incessante das pessoas. O médico guardou seus instrumentos. Bärlach e Hungertobel eram velhos conhecidos, haviam frequentado juntos o ginásio.

— O coração está bom — disse Hungertobel —, graças a Deus!

— Tem anotações sobre o meu caso? — perguntou Bärlach.

— Uma pasta cheia — respondeu o médico e apontou para um maço de papéis sobre a escrivaninha. — Tudo isso é sobre sua doença.

— Você não falou a ninguém sobre minha doença, Hungertobel? — perguntou o velho.

— Mas, Hans — disse o outro —, isso é segredo profissional!

Lá embaixo, na praça, surgiu um Mercedes, sua cor azul reluziu sob uma lâmpada da iluminação pública, e parou entre outros carros estacionados. Bärlach olhou com atenção. Desembarcaram Tschanz e uma moça de capa branca, sobre a capa os cabelos caíam em madeixas louras.

— Seu consultório alguma vez foi arrombado, Samuel? — perguntou o comissário.

— Por que você se lembrou disso?

— Por nada.

— Uma vez minha escrivadinha foi remexida — admitiu Hungertobel —, e a história da sua doença estava no topo. Não dei falta de dinheiro, embora houvesse uma boa quantia na gaveta.

— E por que você não deu parte à polícia?

O médico coçou a cabeça.

— Não faltava dinheiro, como eu já disse, mas apesar disso eu pretendia dar parte. Só que depois esqueci.

— Ora veja — disse Bärlach —, você esqueceu. Pelo menos com você os assaltantes passam bem.

E pensou: “É por isso que Gastmann sabe de tudo”. Olhou de novo para a praça. Tschanz entrou no restaurante italiano com a moça. “No dia do enterro”, pensou Bärlach, e se afastou da janela de vez. Olhou para Hungertobel, que estava sentado à escrivadinha e escrevia.

— Como está o meu caso?

— Sente dores?

O velho lhe relatou o acesso.

— Isso é grave, Hans — disse Hungertobel —, temos de operar dentro de três dias. Não há outro jeito.

— Eu agora me sinto perfeitamente bem.

— Daqui a quatro dias terá novo acesso, Hans — disse o médico —, e dessa vez não vai sobreviver.

— Portanto ainda tenho dois dias. Dois dias. E na manhã do terceiro dia você vai me operar. Terça-feira de manhã.

— Terça-feira de manhã — disse Hungertobel.

— E depois ainda terei um ano de vida, não é mesmo, Samuel? — disse Bärlach e olhou impenetrável, como sempre, para seu

companheiro de escola. Este levantou-se de um salto e caminhou pela sala.

— Como você chegou a tal absurdo?

— Através daquele que leu a história de minha doença.

— Foi você o arrombador? — exclamou o médico, nervoso.

Bärlach sacudiu a cabeça.

— Não, não fui eu. Mas o fato é esse, Samuel; mais um ano.

— Apenas mais um ano — respondeu Hungertobel, que se sentou numa cadeira junto à parede de seu consultório, olhou desamparado para Bärlach, parado no meio da sala, numa solidão distante e fria, imóvel e humilde. Diante de seu olhar perdido, o médico baixou os olhos.

Dezesseis

Pelas duas horas da madrugada, Bärlach acordou de repente. Deitara-se cedo, a conselho de Hungertobel havia também tomado um remédio, pela primeira vez, e assim, no primeiro momento, atribuiu seu súbito despertar a essas medidas inusitadas. Por outro lado, contudo, desconfiou de que fora despertado por algum ruído. Como acontecia com frequência quando acordava de um golpe, estava sobremaneira lúcido e perspicaz; mesmo assim, primeiro teve de se orientar e só após alguns instantes — que então pareciam eternidades — situou-se. Não estava em sua alcova, como de costume, mas sim na biblioteca; pois, prevendo uma noite maldormida, ainda quisera ler, segundo se lembrava; mas, de repente, devia ter sido subjugado por um sono profundo. Suas mãos apalparam o corpo, que ainda estava com a roupa; ele só havia estendido em cima de si um cobertor de lã. Ouvia um ruído. Alguma coisa caíra no chão, era o livro que havia lido. A escuridão na sala sem janelas era profunda, mas não completa; através da porta aberta da alcova penetrava alguma luz, de lá vinha a claridade da noite tempestuosa. Ele ouvia, ao longe, o uivar do vento. Aos poucos ele foi reconhecendo nas trevas uma estante de livros e uma cadeira, também a borda da mesa sobre a qual, como mal percebia, ainda estava seu revólver. Então sentiu, de repente, uma corrente de ar, na alcova bateu uma janela e, em seguida, a porta se fechou com um golpe violento. Logo depois o velho ouviu, vindo do corredor, um leve ruído de fechadura. Compreendeu. Alguém abrira a porta da frente e penetrara no corredor, sem, contudo,

contar com a possibilidade de uma corrente de ar. Bärlach levantou-se e acendeu o abajur.

Empunhou o revólver e o destravou. Então o outro também acendeu a luz, no corredor. Bärlach, vendo a lâmpada acesa pela porta entreaberta, ficou surpreso; pois não via sentido na atitude do desconhecido. Só a entendeu quando era tarde demais. Viu o perfil de um braço e de uma mão que agarrou a lâmpada, depois houve um clarão azul, e voltaram as trevas: o desconhecido arrancara a lâmpada, provocando um curto-circuito. Bärlach ficou em escuridão completa, o outro havia empreendido a luta e estabelecera as condições: Bärlach tinha de lutar nas trevas. O velho, empunhando a arma, com cuidado abriu a porta da alcova. Entrou no quarto. Pelas janelas filtrava-se uma luz incerta, primeiro quase imperceptível, mas que se acentuava à medida que a vista se acostumava a ela. Bärlach encostou-se à parede entre a cama e a janela que dava para o rio; a outra janela ficava à sua direita e dava para a casa vizinha. Assim, ele ficou cercado de trevas impenetráveis, embora com a desvantagem de não poder desviar-se, mas esperava que sua invisibilidade compensasse. A porta para a biblioteca ficava na tênue luz das janelas. Ele teria que ver o perfil do desconhecido, quando este passasse por ela. Então acendeu-se na biblioteca o fino foco de uma lanterna de bolso, que deslizou perscrutador pelos livros, depois pelo chão, pela poltrona e afinal pela escrivaninha. Dentro do clarão estava a faca em forma de serpente. Pela porta aberta à sua frente Bärlach viu de novo aquela mão. Estava com luva de couro marrom, apalpou a superfície da mesa e fechou-se em torno da faca. Bärlach levantou a arma, fez pontaria. Aí a lanterna se apagou. Bärlach, frustrado,

baixou a arma, ficou esperando. De onde estava, olhou pela janela, deu pela presença da massa negra do rio que fluía sem cessar, da cidade que se aglomerava do outro lado, da catedral que espetava o céu como uma seta e por cima as nuvens em movimento. Continuou imóvel, esperando o inimigo que viera para matá-lo. Seus olhos procuravam penetrar o recorte impreciso da porta. Esperou. Tudo estava silencioso, inerte. Então o relógio no corredor bateu: três horas. Escutou, atento. Ouviu de longe, suave, o tique-taque do relógio. Em algum lugar um automóvel buzinou, depois passou defronte da casa. Gente que vinha de algum bar. Um momento pensou ouvir a respiração de uma pessoa, mas devia ter se equivocado. Assim ficou parado, em algum lugar de sua casa estava parado o outro, e havia a noite, que sob seu manto negro ocultava a mortal serpente, a faca que procurava seu coração. O velho mal respirava. Continuou parado, empunhando a arma, mal sentindo o suor frio que lhe escorria pela nuca. Já não pensava em coisa alguma nem em Gastmann, nem em Lutz, nem sequer na doença que lhe roía o corpo, hora após hora, a ponto de destruir a vida que ele agora defendia, cheio da ânsia de viver, apenas viver. Ele não era mais do que um olho que perscrutava a noite, um ouvido que registrava o mais leve dos ruídos, uma mão que se cerrava em torno do metal frio da arma. Finalmente ele percebeu a presença do assassino de forma diferente do que havia esperado; sentiu na face um frio indefinido, uma diminuta mudança no ar. Por muito tempo não encontrou explicação para o fenômeno, até que concluiu que a porta que ligava a alcova à sala de jantar havia sido aberta. O desconhecido havia frustrado seus planos pela segunda vez, havia penetrado na alcova por outro caminho, invisível,

inaudível, irresistível, tendo na mão a faca-serpente. Bärlach agora sabia que ele teria de iniciar a luta, que ele teria de agir primeiro, ele, o homem velho, mortalmente enfermo, a luta por uma vida que ainda poderia durar um ano se tudo corresse bem, se Hungertobel desse os cortes certos e precisos. Bärlach apontou o revólver na direção da janela que dava para o rio Aare. Então atirou, mais uma vez, três vezes ao todo, rápido e preciso, através da vidraça que se estilhaçou para dentro do rio, e imediatamente se agachou. Acima dele alguma coisa sibilou, era a faca que agora estava cravada na parede, vibrando. Mas o velho já tinha conseguido o que queria: a outra janela se iluminou, eram as pessoas da casa vizinha, que agora se debruçavam pelas janelas abertas; angustiadas e confusas, cravavam os olhos na escuridão da noite. Bärlach ergueu-se. A luz da casa vizinha iluminou a alcova, e ele ainda chegou a ver na porta da sala de jantar um vulto impreciso, e logo a porta da rua bateu; em seguida, por causa da corrente de ar, a porta da biblioteca e depois a da sala de jantar, um golpe após o outro, a janela se fechou, e então fez-se silêncio. As pessoas da casa vizinha continuavam tentando devassar a noite. O velho não se moveu junto à sua parede, ainda empunhando a arma. Ficou parado, imóvel, como se não percebesse a passagem do tempo. Os vizinhos se recolheram, a luz se apagou. Bärlach junto à parede, de novo no escuro, fundido com ela, sozinho na casa.

Dezessete

Após meia hora ele se dirigiu ao corredor e procurou sua lanterna de bolso. Telefonou a Tschanz para que viesse. Depois trocou o fusível queimado, a luz voltou. Bärlach sentou-se em sua poltrona, escutou os ruídos da noite. Um carro se aproximou, freou bruscamente. De novo abriu-se a porta da rua, de novo ele ouviu passos. Tschanz entrou na sala.

— Tentaram matar-me — disse o comissário.

Tschanz estava pálido. Não usava chapéu, os cabelos caíam-lhe desgrenhados sobre a testa. Sob o sobretudo percebia-se o pijama. Foram juntos à alcova. Tschanz sacou a faca da parede, com esforço, pois se havia cravado profundamente na madeira.

— Com isto? — perguntou.

— Com isso, Tschanz.

O jovem policial examinou a vidraça estilhaçada.

— O senhor atirou pela janela, comissário? — perguntou, surpreso.

Bärlach contou-lhe tudo.

— Foi a melhor coisa que o senhor podia fazer — murmurou o outro.

Foram ao corredor, e Bärlach apanhou a lâmpada do chão.

— Ele foi esperto — disse, com certa admiração, e a pôs de lado.

Depois voltaram à biblioteca. O velho espichou-se no divã, puxou o cobertor e ficou deitado, desamparado, repentinamente sentindo-se muito velho, como que desmoronado. Tschanz

continuava segurando a faca-serpente. Perguntou: — O senhor conseguiu reconhecer o assaltante?

— Não. Ele foi muito precavido e se retirou com rapidez. A única coisa que cheguei a ver foi que usava luvas de couro marrom.

— É pouco.

— É o mesmo que nada. Mas, embora eu não o tenha visto, embora eu mal ouvisse sua respiração, sei quem foi. Eu sei; eu sei.

Tudo isso o velho disse com voz quase inaudível. Tschanz sopesou a faca em sua mão, olhou para o vulto cinzento, prostrado, para esse homem velho, cansado, para essas mãos que repousavam ao lado do corpo frágil como flores murchas ao lado de um morto. Então viu o olhar do homem deitado. Os olhos de Bärlach o encaravam serenos, impenetráveis e límpidos. Tschanz pôs a faca em cima da escrivaninha.

— Hoje de manhã o senhor deve ir a Grindelwald, o senhor está doente. Ou prefere não ir? Talvez não seja o lugar certo, por causa da altura. Lá já chegou o inverno.

— Irei, sim.

— Então terá de dormir mais um pouco. Quer que eu fique aqui vigiando?

— Não, pode ir, Tschanz — disse o comissário.

— Boa noite — disse Tschanz e saiu lentamente.

O velho não mais respondeu, parecia que já estava dormindo. Tschanz abriu a porta da rua, saiu, fechou-a novamente. Devagar, andou os poucos passos até a rua, fechou também o portão, que estivera aberto. Então voltou-se para a casa. Ainda era noite escura. Todas as coisas pareciam perdidas nessas trevas, também as casas vizinhas. Só ao longe, no alto, brilhava uma lâmpada da

iluminação pública, uma estrela perdida na escuridão soturna, cheia de tristeza, invadida pelo murmurar do rio. Tschanz ficou parado e de repente praguejou em voz baixa. Tornou a abrir o portão empurrando-o com o pé, decidido, atravessou o jardim até a porta da casa, voltando pelo caminho por onde viera. Agarrou o trinco e o baixou, mas a porta agora estava trancada.

Bärlach levantou-se às seis, sem ter dormido. Era domingo. O velho lavou-se, vestiu roupa limpa. Então telefonou chamando um táxi, pretendia comer algo no vagão-restaurante. Pegou o sobretudo quente e saiu de casa na manhã cinzenta, mas não levava mala. O céu estava límpido. Um estudante tresnoitado passou cambaleando, cheirando a cerveja, saudou. “Levou bomba”, pensou Bärlach, “reprovado na faculdade pela segunda vez, pobre-diabo. Isso leva uma pessoa a beber”. O táxi aproximou-se, parou. Era um carro americano, dos grandes. O motorista estava de gola levantada, Bärlach mal enxergava seus olhos. O motorista abriu a porta.

— Para a estação — disse Bärlach, e embarcou.

O carro partiu.

— Então — disse uma voz a seu lado —, como vai? Dormiu bem?

Bärlach volveu a cabeça. No outro canto estava Gastmann. Usava uma capa de chuva de cor clara e estava de braços cruzados. As mãos estavam metidas em luvas de couro marrom. Lá estava ele sentado, parecendo um velho camponês irônico. O motorista, lá na frente, virou o rosto para trás e riu. A gola já não estava levantada, era um dos criados. Bärlach compreendeu que havia caído numa armadilha.

— O que quer de mim agora? — perguntou o velho.

— Você está sempre me investigando. Esteve na casa do escritor — disse o do canto, e sua voz parecia ameaçadora.

— É minha profissão.

O outro não o perdia de vista: — Até agora todos os que se houveram comigo pereceram, Bärlach.

O da frente dirigia numa velocidade infernal em direção a Aargauerstalden.

— Ainda estou vivo. E sempre tive que me haver com você — respondeu o comissário, sereno.

Os dois silenciaram.

O motorista dirigia numa velocidade louca para a Viktoriaplatz. Um ancião, que atravessava a rua coxeando, só por um triz conseguiu se safar.

— Preste mais atenção — disse Bärlach, aborrecido.

— Ande mais rápido — exclamou Gastmann, desafiador, olhando para o velho com ironia. — Eu gosto da velocidade das máquinas.

O comissário teve calafrios. Não gostava de espaços confinados. Velozes, atravessaram uma ponte, passaram por um bonde e, cruzando a fita prateada do rio lá no fundo do vale, aproximaram-se com a rapidez de uma seta da cidade que se lhes abria solícita. As ruas ainda estavam desertas e abandonadas, o céu sobre a cidade parecia de vidro.

— Eu aconselho você a desistir do jogo. Já é tempo de reconhecer sua derrota — disse Gastmann, enchendo o cachimbo.

O velho contemplou as ramagens escuras ao longo das quais deslizavam e os vultos vagos de dois policiais parados diante da livraria Lang.

“Geissbühler e Zumsteg”, pensou, e depois: “Eu finalmente deveria pagar o Fontane”.

— Não podemos desistir do nosso jogo — respondeu ele por fim.
— Você se comprometeu naquela noite na Turquia porque propôs a aposta, Gastmann, e eu porque a aceitei.

Passaram pelo palácio do Governo.

— Você continua acreditando que eu matei Schmied? — perguntou o outro.

— Nunca acreditei nisso sequer por um instante — respondeu o velho e depois ficou observando, indiferente, como o outro acendia seu cachimbo. — Nunca consegui incriminar você pelos crimes que cometeu, agora vou incriminá-lo por um que não cometeu.

Gastmann observou o comissário com atenção.

— Eu nunca havia pensado nesta possibilidade — disse. — Vou ter que me cuidar.

O comissário ficou calado.

— Talvez você seja um sujeito mais perigoso do que pensei, meu velho — disse Gastmann, pensativo em seu canto.

O carro parou. Estavam na estação.

— Esta é a última vez que falo com você, Bärlach — disse Gastmann. — Na próxima vez o matarei, desde que sobreviva à operação.

— Está enganado — disse Bärlach, parado no cenário matinal, alquebrado e friorento. — Não vai me matar. Sou o único que conhece você e assim sou também o único que pode julgar você. Eu julguei você, Gastmann, e o condenei à morte. Não sobreviverá ao dia de hoje. O carrasco que escolhi irá procurá-lo ainda hoje. Ele o

matará, pois é o que, em nome de Deus, finalmente terá que ser feito.

Gastmann estremeceu e, surpreso, fitou o velho, mas este com passos lentos entrou na estação, as mãos metidas nos bolsos do sobretudo, e sem se voltar desapareceu no prédio escuro que aos poucos se foi enchendo de gente.

— Idiota! — gritou Gastmann de repente para o comissário, tão alto que alguns transeuntes se voltaram. — Idiota!

Mas Bärlach desaparecera de vista.

Dezoito

O dia, que agora clareava cada vez mais, era límpido e belo, o sol, uma bola imaculada que projetava longas sombras, encurtando-as apenas um pouco ao subir no firmamento. A cidade lá estava, uma concha branca que sugava a luz, engolindo-a em suas ruas para cuspi-la à noite em mil focos, um monstro que dava à luz gente sempre nova, que decompunha e enterrava. A manhã era cada vez mais radiante, um escudo luminoso sobre o badalar dos sinos. Tschanz esperava pálido à luz refletida pelas paredes. Ele andava inquieto sob as ramagens diante da catedral, de um lado para outro, olhava para cima, para as gárgulas, caretas monstruosas que fitavam o calçamento iluminado pelo sol. Finalmente abriram-se os portões. O fluxo de gente era enorme, Lüthi havia sido o pregador, mas ele logo vislumbrou a capa branca. Anna veio em sua direção. Ela disse que estava contente de vê-lo e lhe estendeu a mão. Subiram pela Kesslergasse em meio a uma multidão de devotos, cercados de velhos e de jovens, aqui um professor, lá uma mulher de padeiro em seus adornos domingueiros, acolá dois estudantes com uma moça, uma dúzia de funcionários, professores, todos bem-postos, todos banhados, todos famintos, todos contentes com o almoço melhorado que os esperava. Chegaram à Kasinoplatz, atravessaram-na e desceram para Marzili. Em cima da ponte ficaram parados.

— Srta. Anna — disse Tschanz —, hoje vou prender o assassino de Ulrich.

— O senhor sabe quem é? — perguntou ela, surpresa.

Ele a encarou. Ela estava à sua frente, pálida e frágil.

— Penso que sei — disse. — Quando eu o tiver prendido — ele hesitou um pouco em perguntar —, a senhorita será para mim o que foi para seu falecido noivo?

Anna não respondeu logo. Ajeitou sua capa, como se sentisse frio. Levantou-se uma leve brisa que emaranhou seu cabelo, mas então ela disse:

— É o que havíamos combinado.

Apertaram-se as mãos, e Anna seguiu para a outra margem. Ele a seguiu com o olhar. A capa branca se destacou entre os troncos das bétulas, desapareceu entre dois transeuntes, reapareceu, por fim sumiu. Então ele foi à estação, onde havia deixado seu carro. Viajou para Ligerz. Quando chegou, era perto de meio-dia; então dirigiu devagar, às vezes parava, andava a pé pelos campos, fumando, voltava para o carro e continuava a viagem. Em Ligerz estacionou defronte à estação, depois subiu a escadaria que dava na igreja. Havia se acalmado. O lago era de um azul profundo, as videiras estavam desfolhadas, e a terra entre elas era castanha e fofa. Mas Tschanz nada via e com nada se importava. Subia incessante e incansavelmente, sem se voltar e sem parar. O caminho era íngreme, ladeado de muros brancos, as vinhas se sucediam. Tschanz subia a ladeira sereno, devagar, decidido, com a mão direita no bolso do sobretudo. Vez por outra um esquilo cruzava seu caminho, gaviões levantavam voo, a terra vibrava ao calor do sol, como se fosse verão; ele subia imperturbável. Mais tarde penetrou na floresta, abandonando os vinhedos. O clima refrescou. Entre os troncos resplandeciam os rochedos brancos do Jura. Ele subia cada vez mais, sempre mantendo o mesmo passo,

sempre avançando no mesmo ritmo, e chegou à campina. Eram terras de cultivo e de pastoreio; a subida ficou mais suave. Passou por um cemitério, um quadrilátero demarcado por um muro cinzento, com o portão bem aberto. Mulheres vestidas de preto andavam pelos caminhos, um ancião alquebrado estava parado, seguindo o passante com a vista, e este continuava sempre com a mão direita no bolso do sobretudo.

Chegou a Prêles, passou pelo hotel Bären e tomou a direção de Lamboing. O ar no planalto estava imóvel e sem névoa. Os objetos, mesmo os mais distantes, se destacavam com nitidez. Apenas o cume do Chasseral estava coberto de neve, tudo o mais luzia num tom bege, interrompido pelo branco dos muros e o vermelho dos telhados, pelas faixas negras dos cultivos. Tschanz continuou andando no mesmo passo; o sol lhe batia nas costas, projetando sua sombra diante dele. A estrada era em declive, ele andou em direção da serraria, o sol agora vinha de lado. Continuou andando, sem pensar, sem ver, apenas movido por uma só vontade, dominado por uma obsessão. Um cão latiu, depois se aproximou e farejou o homem que avançava sempre, depois foi embora. Tschanz seguiu adiante, sempre do lado direito da estrada, um passo após o outro, nem mais rápido, nem mais devagar, em direção à casa que agora surgia entre o pardo da campina, emoldurada por choupos desfolhados. Tschanz abandonou a estrada, atravessando o campo. Seus sapatos afundavam na terra morna de um campo não arado, ele prosseguiu. Então chegou junto ao portão. Estava aberto, Tschanz entrou. No pátio estava um carro americano. Tschanz não lhe deu atenção. Foi até a porta da casa. Também estava aberta, Tschanz entrou num vestíbulo, abriu outra porta e chegou a uma

sala que ocupava o andar térreo. Tschanz ficou parado. Pela janela à sua frente penetrava luz intensa. Diante dele, a menos de cinco passos, estava parado Gastmann; ao seu lado, enormes, os criados imóveis e ameaçadores, dois carneiros. Os três usavam sobretudos, havia malas empilhadas a seu lado, estavam prontos para viajar.

Tschanz continuou parado.

— Então é o senhor — disse Gastmann, contemplando um pouco surpreso o rosto calmo e pálido do policial e atrás dele a porta ainda aberta.

Então começou a rir:

— Era isso o que o velho queria dizer! Bem planejado, muito bem planejado!

Gastmann estava de olhos arregalados, e neles brilhava um contentamento fantasmagórico.

Sereno, sem dizer uma palavra, quase lento, um dos dois carneiros sacou uma pistola do bolso e atirou. Tschanz sentiu um golpe no ombro esquerdo, arrancou o revólver do bolso e se jogou para o lado. Então atirou três vezes na direção daquelas gargalhadas que agora retumbavam como que num enorme espaço vazio.

Dezenove

Charnel, avisado por Tschanz pelo telefone, correu vindo de Lamboing, Clenin de Twann e, de Biel, veio o destacamento de assalto. Encontraram Tschanz sangrando junto aos três cadáveres, um segundo tiro o atingira no braço esquerdo. O combate devia ter sido rápido, mas cada um dos três que agora estavam mortos ainda havia atirado. Com cada um deles encontrou-se uma pistola, um dos criados ainda empunhava a sua. Tschanz já não pôde observar o que aconteceu após a chegada de Charnel. Quando o médico de Neuveville fez as ligaduras, ele perdeu os sentidos por duas vezes; mas verificou-se que os ferimentos não eram perigosos. Mais tarde vieram moradores da aldeia, camponeses, operários, mulheres. O pátio ficou superlotado, e a polícia o interditou; uma moça, contudo, conseguiu penetrar na sala, onde com um grito se jogou sobre Gastmann. Era a garçonete, noiva de Charnel. Ele estava parado ao lado, vermelho de raiva. Depois, em meio aos camponeses que recuavam, levaram Tschanz até o carro.

— Lá estão todos os três — disse Lutz, na manhã seguinte, apontando para os mortos, mas sua voz não era triunfal, era antes triste e cansada.

Von Schwendi assentiu consternado. O coronel viajara a Biel com Lutz por incumbência de seus clientes. Haviam entrado na sala onde jaziam os cadáveres. Através de uma janelinha gradeada penetrava um raio de luz oblíquo. Os dois estavam abrigados em seus sobretudos e sentiam frio. Os olhos de Lutz estavam injetados.

Durante toda a noite ele se ocupara com os diários de Gastmann, com documentos estenografados quase ilegíveis.

Lutz enfiou as mãos mais ainda em seus bolsos.

— Você vê, von Schwendi — recomeçou ele, quase em voz baixa —, os homens têm medo uns dos outros, criam estados independentes, cercam-se de guardas de toda espécie, de policiais, de soldados, de uma opinião pública; e de que lhes adianta? — O rosto de Lutz se contorceu, seus olhos saltaram e ele riu, quase um balido cavernoso naquele espaço frio e pobre que os cercava. — Um imbecil à frente de uma grande potência, conselheiro federal, e já somos levados pela torrente, um Gastmann, e já nossas cadeias se rompem, os postos avançados são contornados.

Von Schwendi reconheceu que o melhor seria trazer o chefe das investigações de volta à realidade, mas não sabia como.

— É vergonhoso como nossa classe é explorada por tudo quanto é gente — disse afinal. — É desagradável, extremamente desagradável.

— Ninguém suspeitava disso — acalmou-o Lutz.

— E Schmied? — perguntou o conselheiro, contente por ter encontrado uma deixa.

— Encontramos com Gastmann uma pasta que pertencera a Schmied. Continha indicações sobre a vida de Gastmann e suposições sobre seus crimes. Schmied tentou incriminar Gastmann. Ele o fez por iniciativa pessoal. Foi um erro pelo qual teve de pagar caro; pois está provado que Gastmann também mandou matar Schmied; este deve ter sido morto com a arma que um dos criados empunhava ao ser morto por Tschanz. O exame da arma logo o comprovou. Também ficou evidente o motivo de seu assassinato:

Gastmann temia que Schmied o desmascarasse. Schmied deveria ter confiado em nós. Mas era jovem e ambicioso.

Bärlach entrou na câmara fúnebre. Quando Lutz viu o velho, ficou melancólico e tornou a esconder as mãos nos bolsos.

— Bem, comissário — disse ele, firmando-se ora numa perna, ora na outra —, é bom que nos encontremos aqui. O senhor chegou a tempo de sua licença, e eu também vim zunindo com o conselheiro. Os mortos receberam o que mereciam. Discutimos muito, Bärlach. Eu era a favor de uma polícia sofisticada, provida de todas as chicanas, se possível até mesmo da bomba atômica, e o senhor preferia uma polícia mais humana, comissário, uma espécie de gendarmaria de respeitáveis avozinhos. Façamos as pazes. Estávamos ambos errados, Tschanz nos contradisse de forma nada científica, apenas com seu revólver. Não quero saber como. Pois bem, foi legítima defesa, precisamos acreditar nele e podemos acreditar. A presa foi compensadora, os mortos mereciam morrer mil vezes, para usar a bela expressão que se costuma usar, e se tudo corresse segundo os métodos científicos estaríamos até agora farejando diplomatas desconhecidos. Tschanz merece uma promoção; nós dois, contudo, estamos aqui parados feito asnos. O caso Schmied está encerrado.

Lutz baixou a cabeça, confuso pelo enigmático silêncio do velho, encolheu-se e, de repente, voltou a ser o funcionário correto, atento; pigarreou e ficou vermelho ao notar a presença de von Schwendi, ainda embaraçado; depois saiu lentamente, acompanhado do coronel, para um canto escuro do corredor, deixando Bärlach só. Os cadáveres estavam sobre macas, cobertos por panos pretos. Nas paredes nuas, cinzentas, o gesso se soltava.

Bärlach aproximou-se da maca do meio e descobriu o morto. Era Gastmann. Bärlach estava levemente inclinado sobre ele, ainda segurando o pano preto com a mão esquerda. Silencioso, olhou para o semblante de cera do morto, para a expressão ainda divertida dos lábios, mas as órbitas agora eram ainda mais profundas e nada mais de ameaçador restava naquele abismo. Foi assim que se encontraram, pela última vez, o caçador e a presa, que agora estava liquidada a seus pés. Bärlach suspeitou de que agora a vida de *ambos* concluía seu curso e mais uma vez seu olhar percorreu todos aqueles anos, seu espírito retrocedeu pelo caminho das misteriosas passagens do labirinto que era a vida de ambos. Agora entre eles nada mais havia além da incomensurabilidade da morte, um juiz cuja sentença é o silêncio. Bärlach ainda estava inclinado, e a luz tênue da cela que pousava sobre seu rosto e suas mãos envolvia também o cadáver, valendo para ambos, criada para ambos, reconciliando a ambos. O silêncio da morte baixou sobre ele, rastejou para dentro dele, mas não lhe deu a paz, como ao outro. Os mortos sempre têm razão. Lentamente Bärlach tornou a cobrir o semblante de Gastmann. Era a última vez que o via; doravante seu inimigo pertencia à sepultura. Uma ideia apenas o dominara durante anos: destruir aquele que agora jazia a seus pés na cela cinzenta e nua, coberto do gesso que caía, como se fosse ligeira e escassa neve; e agora nada mais restava ao velho a não ser o lento gesto de cobri-lo, a não ser um humilde pedido de esquecimento, a única graça que pode apaziguar um coração devorado por chamas violentas.

Vinte

Então, ainda no mesmo dia, às oito horas em ponto, Tschanz chegou à casa do velho em Altenberg, atendendo à sua insistente solicitação. Quem lhe abriu a porta, para seu espanto, foi uma jovem doméstica de avental branco, e quando chegou ao corredor ouviu da cozinha o ruído de água e alimentos borbulhando e fervendo, o tilintar de louça. A empregada tomou-lhe a capa dos ombros. Seu braço esquerdo estava numa tipoia. Apesar disso ele viera no próprio carro. A moça abriu-lhe a porta para a sala de jantar, e Tschanz parou estupefato: a mesa estava solenemente, posta para duas pessoas. Num castiçal havia velas acesas e numa ponta da mesa estava Bärlach sentado em sua cadeira de encosto, o rosto iluminado pelo tranquilo clarão vermelho, um quadro de paz inabalável.

— Sente-se, Tschanz — o velho saudou seu hóspede e lhe indicou uma segunda cadeira de encosto que fora chegada à mesa.

Tschanz sentou-se atordoadado.

— Eu não sabia que viria para um jantar — disse afinal.

— Temos que festejar sua vitória — respondeu serenamente o velho, movendo o castiçal um pouco para o lado, para se poderem ver melhor. Então bateu palmas. A porta se abriu, e uma senhora imponente, roliça, trouxe uma travessa sobrecarregada até a borda de sardinhas, caranguejos, salada de pepinos, tomates, ervilhas, guarnecida de montes de maionese e ovos, entre estes carne fria, galinha e salmão. O velho serviu-se de tudo. Tschanz, ao ver as porções gigantescas que o outro amontoava em seu prato, sabendo

que ele sofria do estômago, em seu espanto aceitou apenas um pouco de salada de batatas.

— O que vamos beber? — disse Bärlach. — Ligerzer?

— Ótimo, Ligerzer — respondeu Tschanz como que sonhando.

A empregada veio e serviu o vinho. Bärlach começou a comer, serviu-se do pão, devorou o salmão, as sardinhas, os camarões-vermelhos, as carnes frias, as saladas, a maionese e o assado, bateu palmas, pediu repetição. Tschanz, estupefato, ainda não havia comido sua salada de batatas.

Bärlach mandou encher seu copo pela terceira vez.

— Agora os pastéis e o Neuenburger tinto — exclamou.

Os pratos foram trocados. Bärlach mandou pôr em seu prato três pastéis recheados de fígado de ganso, carne de porco e trufas.

— Mas, comissário, o senhor está doente — disse finalmente Tschanz, hesitante.

— Hoje não, Tschanz, hoje não. Estou festejando porque finalmente peguei o assassino de Schmied!

Esvaziou o segundo cálice de vinho tinto e atacou o terceiro pastel, comendo sem cessar, engolindo com avidez os alimentos deste mundo, triturando-os entre as mandíbulas, uma fera que mata uma fome infinita. Na parede desenhavam-se as sombras selvagens de seu perfil em tamanho dobrado, os movimentos vigorosos de seus braços, a cabeça se inclinando, igual à dança triunfal do chefe de uma tribo negra. Tschanz acompanhava horrorizado o lúgubre espetáculo representado pelo homem mortalmente enfermo. Ficou sentado imóvel, sem comer um bocado sequer, sem mesmo molhar os lábios no cálice. Bärlach mandou vir

costeletas de vitela, arroz, batatas fritas e alface, e mais champanha. Tschanz tremia.

— O senhor está fingindo — exclamou arquejante —, o senhor não está doente!

O outro não respondeu de imediato. Primeiro riu, depois ocupou-se da alface, saboreando cada folha em separado. Tschanz não ousou interpelar o horrível velho pela segunda vez.

— Sim, Tschanz — disse afinal Bärlach, e seus olhos tinham um brilho selvagem —, eu fingi. Nunca estive doente — e pôs na boca um pedaço de carne de vitela, continuou a comer, incessantemente, insaciável.

Então Tschanz compreendeu que caíra numa armadilha traiçoeira, que agora se fechava. Suor frio irrompeu de seus poros. O horror o apertou com braços cada vez mais fortes. Compreendeu sua situação tarde demais, já não havia salvação.

— O senhor sabe, comissário — disse em voz baixa.

— Sim, Tschanz, eu sei — disse Bärlach calmamente e com firmeza, porém sem levantar a voz, como se falasse de algo indiferente. — Você é o assassino de Schmied.

Então tomou de sua taça de champanha e a esvaziou de um trago.

— Sempre suspeitei que o senhor soubesse — suspirou o outro com voz quase inaudível.

O velho ficou impassível. Era como se nada mais o interessasse, a não ser a comida; inotido, ele pela segunda vez encheu seu prato de arroz, derramou molho em cima e por cima de tudo amontoou uma costeleta de vitela. Tschanz mais uma vez tentou salvar-se, defendendo-se do diabólico comilão.

— A bala veio do revólver que foi encontrado com o criado — afirmou teimoso.

Mas sua voz era de desalento.

Os olhos semicerrados de Bärlach relampejaram com desdém.

— Tolice, Tschanz. Você sabe muito bem que o criado empunhava o *seu* revólver quando foi encontrado. Você mesmo o pôs na mão do morto. Apenas a descoberta de que Gastmann era criminoso impediu que seu jogo fosse desvendado.

— Isso o senhor *já* poderá provar — insurgiu-se Tschanz, desesperado.

O velho empertigou-se em sua cadeira, já não era doente e alquebrado, mas sim forte e sereno, o quadro de uma superioridade sobre-humana, um tigre que brinca com sua vítima, e esvaziou sua taça de champanha. Então ele mandou que a empregada, que ia e vinha sem cessar, servisse queijo; com o queijo comeu rabanetes, pepinos na salmoura e cebolinhas. Sempre se servia de novos pratos, como se essa fosse a última vez em que saboreava aquilo que a terra oferece.

— Você ainda não entendeu, Tschanz — disse afinal —, que há muito tempo me deu as provas do seu ato? O revólver é seu; o cão de Gastmann, que matou para me salvar, tinha uma bala que vinha da mesma arma que matou Schmied: da *sua* arma. Você mesmo me deu os indícios de que eu precisava. Você se denunciou ao me salvar a vida.

— Ao lhe salvar a vida! Então foi por isso que não mais encontrei aquela fera — respondeu Tschanz automaticamente. — O senhor sabia que Gastmann possuía um cão feroz?

— Sim. Eu tinha enrolado meu braço esquerdo numa manta.

— Portanto o senhor me armou uma cilada — disse o assassino, quase sem voz.

— Também com isso. Mas o primeiro indício que você me forneceu foi quando na sexta-feira viajou comigo para Ligerz através de Ins, para representar aquela farsa do “Charon Azul”. Schmied havia viajado quarta-feira através de Zollikofen, isto eu sabia, pois naquela noite ele parou junto à garagem de Lyss.

— Como o senhor podia saber disso? — perguntou Tschanz.

— Simplesmente telefonei. Quem naquela noite viajou através de Ins e Erlach foi o assassino: você, Tschanz. Vinha de Grindelwald. A pensão Eigen também possui um Mercedes azul. Há semanas você vinha observando Schmied, vigiava cada um de seus passos, invejoso de sua capacidade, de seu sucesso, de sua cultura, de sua noiva. Sabia que ele se ocupava de Gastmann, sabia até mesmo quando ele o visitava, mas não sabia por quê. Então, por um acaso, topou com a pasta de documentos que estava em cima da mesa dele. Decidiu tomar conta do caso matando Schmied, para que também você pudesse ser bem-sucedido. Estava certa a sua dedução de que seria fácil incriminar Gastmann de um assassinato. Contudo, quando em Grindelwald vi um Mercedes azul, eu sabia como você tinha agido. Quarta-feira à noite alugou o carro. Eu me informei. Tudo o mais é simples: através de Ligerz você foi para Schernelz, deixou o carro na floresta de Twannbach, atravessou o mato por um atalho passando pelo desfiladeiro e assim chegou à estrada de Twann a Lamboing. Nos rochedos esperou por Schmied, ele o reconheceu e parou surpreso. Ele abriu a porta, e então você o matou. Você mesmo me contou. E agora tinha o que queria: seu sucesso, seu posto, seu carro e sua noiva.

Tschanz escutou o enxadrista implacável que lhe dera xeque-mate e que agora terminava sua pavorosa refeição. As velas ardiam inquietas, a luz bruxuleava nos rostos dos dois homens, as sombras se adensavam. Havia um silêncio sepulcral naquele inferno noturno, as serventes já não apareciam. O velho agora permanecia imóvel, aparentemente nem sequer respirava, a luz bruxuleante o envolvia em ondas sempre renovadas, labaredas vermelhas que se desfaziam no gelo de sua testa e de sua alma.

— O senhor brincou comigo — disse Tschanz lentamente.

— Brinquei com você — respondeu Bärlach com uma severidade terrível. — Não havia outro jeito. Havia assassinado Schmied, e eu tinha de agarrar você.

— Para matar Gastmann — completou Tschanz, que de súbito entendeu toda a verdade.

— É como diz. Dediquei a metade de minha vida à captura de Gastmann e Schmied era minha última esperança. Eu o havia atizado contra aquele diabo em forma de gente, um animal nobre contra uma fera selvagem. Mas então você apareceu, Tschanz, com sua ambição ridícula, criminoso, e destruiu minha última chance. Apoderei-me então de você, do assassino, e o transformei na minha arma mais terrível, pois você era movido pelo desespero, o assassino tinha de encontrar outro assassino. Fiz do meu alvo o seu alvo.

— Para mim foi o inferno — disse Tschanz.

— Foi o inferno para nós ambos — acrescentou o velho, com uma calma impressionante. — A intervenção de von Schwendi levou você ao extremo, tinha de incriminar Gastmann de qualquer maneira, todo desvio do rastro de Gastmann poderia conduzir ao

seu rastro. Só a pasta de Schmied poderia salvar você. Sabia que ela havia estado em meu poder, mas não sabia que Gastmann viera buscá-la. Foi por isso que me assaltou na noite de sábado para domingo. Ficou preocupado, também, com minha viagem a Grindelwald.

— O senhor sabia que o assaltante era eu? — disse Tschanz baixinho.

— Soube desde o primeiro instante. Tudo o que eu fazia era com a intenção de levar você ao maior desespero. E quando o desespero chegou ao auge, você foi a Lamboing para provocar uma decisão de qualquer maneira.

— Um dos criados de Gastmann começou a atirar — disse Tschanz.

— Domingo de manhã preveni Gastmann de que eu enviaria alguém para matá-lo.

Tschanz sentiu vertigens. Teve calafrios.

— Então o senhor açulou a Gastmann e a mim um contra o outro, como se fôssemos animais!

— Fera contra fera — veio a resposta implacável da outra cadeira.

— Então o senhor foi o juiz e ao mesmo tempo o carrasco — disse o outro ofegante.

— Foi assim mesmo — respondeu o velho.

— E eu, que apenas executei a sua vontade, quisesse ou não, agora sou um criminoso, um homem que será caçado!

Tschanz levantou-se, apoiou-se com a mão direita, desimpedida, na beira da mesa. Só uma das velas ainda ardia. Tschanz, com os olhos ardendo, procurou reconhecer o vulto do velho na escuridão,

mas só viu uma sombra preta, irreal. Inseguro e apalpando, fez um gesto na direção do bolso de seu casaco.

— Deixe disso — ouviu o velho dizer. — Não faz sentido. Lutz sabe que você está em minha casa, e as mulheres ainda não saíram.

— Sim, não faz sentido — respondeu Tschanz em voz baixa.

— O caso Schmied está liquidado — disse o velho na escuridão da sala. — Eu não o denunciarei. Mas vá embora! Para qualquer lugar! Nunca mais quero vê-lo. Justicei *um*, e isso chega. Vá embora! Vá!

Tschanz deixou pender a cabeça e saiu devagar, confundindo-se com a noite, e quando a fechadura trancou a porta, e logo depois o carro partiu, a vela se apagou, por um instante mergulhando o velho, que estava de olhos fechados, numa luz intensa.

Vinte e um

Bärlach passou a noite sentado em sua cadeira sem se levantar, sem se erguer. Sua imensa, exuberante força vital, que ainda uma vez recrudescera com o seu vigor, desmoronara e estava prestes a se extinguir. O velho, temerário, mais uma vez ousara fazer aposta, mas num ponto ele mentira a Tschanz, e quando no dia seguinte, ao amanhecer, Lutz irrompeu para informar, confuso, que Tschanz fora encontrado morto dentro de seu carro, que o trem esmagara entre Ligerz e Twann, encontrou o comissário mortalmente enfermo. A muito custo o velho mandou que avisassem Hungertobel que já era terça-feira e poderiam operá-lo. — Só mais um ano — ouviu Lutz que o velho dizia, contemplando pela janela o ar transparente da manhã. — Só mais um ano.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Der Richter und sein Henker

Tradução: Kurt Jahn Capa: Projeto gráfico de Néktar Design Ilustração da capa: Oskar Kokoschka "Retrato de Herwath Walden", óleo sobre tela, 100 x 69,5 cm. Staatsgalerie Stuttgart, Alemanha.

Revisão: Larissa Roso e Patrícia Rocha

D965J

Dürrenmatt, Friedrich, 1921-1990.

O juiz e seu carrasco/ Friedrich Dürrenmatt; tradução de Kurt Jahn. Porto Alegre: L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET) ISBN 978.85.254.2793-9

1.Literatura suíça — romances policiais. I.Título. II.Série.

CDU 821.112.2(494)-312.4

Catálogo elaborada por Izabel A. Merlo, CRB10/329.

First Published in 1952

Copyright © 1986 by Diogenes Verlag AG Zürich All rights reserved Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 — Floresta — 90.220-180

Porto Alegre — RS — Brasil / Fone: 51.3225.5777 — Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)